



Lisbon School
of Economics
& Management
Universidade de Lisboa

MESTRADO EM
DESENVOLVIMENTO E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

Trabalho Final de Mestrado
Dissertação

DA CIDADE PROIBIDA PARA O MUNDO: A PROJEÇÃO DO
***SOFT POWER* CHINÊS NA ETIÓPIA**

AFONSO FERREIRA MARQUES MORANGO

Orientação:

Professor Doutor Manuel António De Medeiros Ennes Ferreira

Setembro - 2024

DOCUMENTO ESPECIALMENTE ELABORADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE

“Let China Sleep, for when she wakes, she will shake the world.”

- Napoleão Bonaparte

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Ennes Ferreira, pela energia e orientação, e por despertar a minha paixão ao transformar cada aula numa magnífica palestra sobre o mundo.

Ao Almirante James Morley, por toda a motivação, rumo e pelas conversas esplêndidas ao longo dos últimos dois anos.

Aos meus amigos, pelas memórias.

A todos os meus Professores, que me acompanharam desde o Teorema de Pitágoras ao Padre António Vieira.

À minha Avó Olívia, que me criou.

Ao meu Irmão Sebastião, pela alegria.

À minha Tia e ao meu Tio, por toda a ajuda.

E à minha Mãe, por toda a dedicação incondicional e, acima de tudo, por me lembrar todos os dias que dos fracos não reza a História

Finalmente, à História, seja lá o que isso for.

RESUMO

Numa realidade internacional onde o pêndulo da luta pelo poder oscila entre metralhadoras *Maxim*, drones, sanções económicas e obras-primas da Sétima Arte, os Estados entendem que moldar mentes e arrebataram corações alcançou uma relevância sem precedentes. À medida que a China continua a traçar a sua trajetória ascendente única, a curiosidade em torno do colosso asiático cresce e Pequim compreende que o florescimento económico do país deve ser acompanhado por uma produção cultural igualmente vibrante. Naturalmente, o *soft power* emerge entre os mais altos quadros da liderança política chinesa como a base de instrumentos ideal para alcançar credibilidade e consideração nos círculos onde se decidem os destinos do mundo, deslumbrando e tranquilizando todos aqueles que desconfiam das suas intenções. Esta ofensiva de charme tem particular expressão em África, nomeadamente na Etiópia, um país especial na cronologia africana que saúda com fervor a projeção de *soft power* chinês. Partindo deste conceito, que encontra na narrativa chinesa uma expressão sem paralelo na História, esta dissertação tem como objetivo investigar de que forma a China tem atraído a Etiópia, mormente através da análise crítica das duas narrativas estratégicas que têm guiado a expansão do *soft power* chinês: 1) o investimento económico e a ajuda ao desenvolvimento fornecidos pela China e 2) o papel dos Institutos Confúcio na promoção da cultura chinesa. Ao investigar estas duas vertentes, este estudo visa não apenas esclarecer como o *soft power* chinês afeta as perceções etíopes, mas também como a influência chinesa na Etiópia atua como um operador fundamental nas Relações Internacionais contemporâneas, reconfigurando dinâmicas regionais, redefinindo o paradigma de desenvolvimento em África e transformando os eixos da geopolítica global.

Palavras-chave: *Soft power*, China, Etiópia, África, Desenvolvimento, Diplomacia Cultural, Instituto Confúcio.

ABSTRACT

In an international reality where the pendulum of power struggles oscillates between *Maxim* machine guns, drones, economic sanctions, and Seventh Art masterpieces, States recognize that shaping minds and snatching hearts has achieved unprecedented significance. As China continues to chart its unique ascendant trajectory, curiosity about the Asian colossus grows, and Beijing understands that the country's economic flourishing must be accompanied by equally vibrant cultural production. Naturally, soft power emerges among the highest echelons of Chinese political leadership as the ideal set of instruments to gain credibility and respect in circles where the world's destinies are decided, dazzling and reassuring those who harbor doubts about its intentions. This charm offensive is particularly manifest in Africa, notably in Ethiopia, a country of special significance in the African annals that welcomes the projection of Chinese soft power with fervor. Based on this concept, which finds in the Chinese story an expression unparalleled in History, this dissertation aims to investigate how China has engrossed Ethiopia, primarily through a critical analysis of the two strategic narratives that have guided the expansion of Chinese soft power: 1) the economic investment and development aid provided by China and 2) the role of Confucius Institutes in promoting Chinese culture. By examining these two aspects, this study seeks not only to clarify how Chinese soft power impacts Ethiopian perceptions but also to understand how Chinese influence in Ethiopia acts as a fundamental operator in contemporary International Relations, reconfiguring regional dynamics, redefining the development paradigm in Africa, and transforming the axes of global geopolitics.

Keywords: Soft power, China, Ethiopia, Africa, Development, Cultural Diplomacy, Confucius Institute.

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO.....	1
II. <i>SOFT POWER</i> : UM OPERADOR NA EQUAÇÃO GLOBAL DE PODER.....	3
2.1. O conceito de <i>soft power</i>	3
2.2. <i>Soft power</i> e <i>sharp power</i>	6
2.3. Um admirável mundo novo – ilustrações históricas do <i>soft power</i>	7
2.4. O Índice Global de <i>soft power</i>	9
III. O <i>SOFT POWER</i> CHINÊS: DE CONFÚCIO A HU JINTAO E XI JINPING	11
3.1. A arte de preservar <i>O Mandato do Céu</i> (天命) – o legado de Confúcio	11
3.2. A tormenta Maoísta – a revolução contínua de Mao Zedong.....	12
3.3. A nova fábrica do mundo – a empreitada de Deng Xiaoping e o início do <i>soft power</i> económico	14
3.4. A história do Dragão – a visão de Hu Jintao e o <i>soft power</i> cultural chinês.....	15
3.5. Xi Jinping e o sonho chinês: o <i>soft power</i> global	17
3.6. A singularidade do <i>soft power</i> chinês	18
IV. ENTRE A SEDA E O MARFIM: O SOPRO DO DRAGÃO EM ÁFRICA	20
4.1. A China e o Terceiro Mundo	20
4.2. O milagre chinês e a ascensão de um gigante adormecido	22
4.3. A esperança africana e os ventos vermelhos	23
V. SEDUÇÃO PRAGMÁTICA DA ETIÓPIA: UM CASO DE ESTUDO PARA ENTENDER O <i>SOFT POWER</i> CHINÊS EM ÁFRICA	27
5.1. O florescer da amizade sino-etíope	28
5.2. Do Yangtzé ao Nilo – o renascimento económico etíope	31
5.3. Ecos celestiais – a irradiação dos ICs na Etiópia.....	35
VI. CONCLUSÃO	41
BIBLIOGRAFIA.....	44

GLOSSÁRIO

Belt and Road Initiative - BRI

China Central Television - CCTV

Center for Language Education and Cooperation - CLEC

China Global Television Network - CGTN

Chinese International Education Foundation - CIEF

Comissão Económica das Nações Unidas para a África - CEA

Conferência Internacional de Tóquio sobre o Desenvolvimento em África - TICAD

Eastern Industrial Zone - EIZ

Frente de Libertação Popular do Tigré - TPLF

Frente Democrática Revolucionária do Povo Etíope - EPRDF

Fórum de Cooperação China-África - FOCAC

Instituto Confúcio - IC

Investimento Direto Estrangeiro - IDE

Joint Ethiopia-China Commission - JECC

Organização das Nações Unidas - ONU

Partido Comunista Chinês - PCC

União Africana - UA

União Europeia - UE

Zona Económica Especial - ZEE

I. INTRODUÇÃO

São muitas as nações que protegem a sua eternidade, que acreditam que as suas origens se ancoram nos primórdios da História e que procuram usar esses registos para conquistar o seu lugar no mundo. No entanto, nenhuma outra memória pode ser comparada à da China. A civilização chinesa entra na consciência histórica com um grau de sofisticação incomparável e qualquer molde ocidental para perscrutar o passado e entender a sua relação com o presente não pode, nem deve ser aplicado à experiência sínica. O povo chinês anseia por saber como chegou a ser quem é: *“China is (...) living history. Here almost every event and process happening today is closely related to History, (...) Not only scholars, but civil servants and entrepreneurs as well as ordinary people all have a strong sense of history (...) they all live in history and serve as the heirs and spokesmen of history”* (Ping, 2005 apud Jacques, 2009, p. 197)¹. Como veremos ao longo desta dissertação, entre os vários pensadores e estadistas que esculpiram a China como a conhecemos, foi Confúcio (551 - 479 a.C) a figura cuja filosofia verdadeiramente forjou o caráter atual chinês que hoje desassossega o mundo.

Mas a postura ativa da China no palco internacional é algo relativamente recente. Desde as florestas gélidas da Sibéria, aos picos inexpugnáveis dos Himalaias e ao delta do Rio das Pérolas, aos domínios imperiais chineses raramente importou a condição do resto do globo e não foi até ao último quartel do século XX que os portões de Pequim se abriram à humanidade.

Numa realidade onde os Estados são, mais do que nunca, capazes de guiar vontades e alcançarem os seus objetivos sem recorrerem à força armada - *soft power* - a ascensão alucinante da China à mesa das grandes potências geopolíticas e económicas sobressalta a comunidade internacional. Uma constante central nessa rota tem sido a aproximação a África, em particular à Etiópia, um país que é, como veremos, especial na experiência africana e que vê com particular expectativa a presença e o apoio chinês. As últimas décadas têm sido marcadas por uma intensificação das relações entre os dois países a vários níveis e compreender estas interações tornou-se fundamental, especialmente porque a ação chinesa na Etiópia vaticina reconfigurar as dinâmicas regionais, moldando a política e o cânone do desenvolvimento no continente africano e alterando as correntes da geopolítica global.

Partindo do conceito de *soft power*, um termo que veio dar nome a uma prática de exercício de poder tão antiga quanto as relações humanas, esta dissertação tem como objetivo

¹ Ping. H., (2005). “Beijing consensus', or 'Chinese experiences', or 'what?'”.

investigar de que forma a China tem tido uma grande receptividade na Etiópia através não só do seu empenho económico e financeiro, mas igualmente cultural.

A potência asiática tem sido um interveniente decisivo no processo de industrialização da Etiópia e é hoje o seu principal parceiro comercial. Ao longo dos últimos anos, a nação africana tornou-se numa artéria das redes comerciais e culturais chinesas em África, acolhendo iniciativas como o estabelecimento de Institutos Confúcio (ICs) e a realização de mega projetos de infraestrutura, que se entrelaçam na estratégia de projeção do *soft power* chinês. Através dos investimentos ligados à *Belt and Road Initiative* (BRI), a China tem-se consolidado na Etiópia como um verdadeiro motor do desenvolvimento do país, contribuindo para um alívio da pobreza na sociedade etíope e arquitetando um novo modelo de cooperação económica em África. Os dois países têm aprofundado os intercâmbios culturais e são cada vez mais frequentes as oportunidades oferecidas a estudantes etíopes por instituições de ensino superior chinesas. Em 2017, dos 74 011 estudantes africanos acolhidos por Pequim, 4 883 eram etíopes, um aumento significativo em relação aos 844 registados em 2011 (Robinson & Mills, 2022).

Para atingir a meta proposta, foi adotada uma abordagem metodológica mista que combinou a análise de fontes primárias, incluindo diversos canais vinculados aos órgãos de soberania chineses e etíopes, com a incorporação de dados estatísticos recentes e pertinentes, garantindo uma base quantitativa robusta e uma análise empírica consistente. A literatura académica julgada pertinente e a revisão crítica das obras de teóricos incontornáveis no campo contribuíram para uma interpretação fundamentada e detalhada das teorias relativas aos empreendimentos chineses em África, mais concretamente, na Etiópia. Dada a importante profusão documental usada, e de forma a aligeirar o texto propriamente dito, as notas de rodapé complementam-no, já que contêm informações preciosas que enriquecem e aprofundam a compreensão da investigação.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos: I) uma exploração do conceito de *soft power* e da sua relevância transformadora na Era Moderna; II) um estudo conciso sobre as raízes do pensamento estratégico chinês e da sua evolução desde Confúcio a Xi Jinping, complementada por uma pesquisa sobre a especificidade do *soft power* no contexto da nação asiática; III) um enquadramento da relação entre a China e África e um balanço da ligação sino-africana desde o estabelecimento da China enquanto Estado-nação em 1949; e, finalmente, IV) uma explicação das particularidades da Etiópia na esfera dos interesses chineses e uma análise das dinâmicas do *soft power* chinês no país africano em estudo.

II. *SOFT POWER*: UM OPERADOR NA EQUAÇÃO GLOBAL DE PODER

“Power is also like love, easier to experience than to define or measure, but no less real for that.”

- Joseph Nye

No domínio das Relações Internacionais, a ideia de um *status quo* estático entre grandes potências não encontra fundamento sólido. Como afirma Mearsheimer (2001), estes Estados raramente se contentam com as dinâmicas de poder existentes e, geralmente, nutrem ambições de redesenhá-las a seu favor. Esta inclinação para o revisionismo pode impelir as potências vigentes a encarar o uso da força como um meio de reequilibrar a distribuição de poder, desde que os custos e riscos sejam considerados aceitáveis. O autor acrescenta que, embora existam situações em que os desafios e perigos associados à alteração do equilíbrio de poder possam servir como dissuasor, o impulso subjacente ao engrandecimento da influência persiste. Consequentemente, o sistema internacional é caracterizado por uma competição perpétua entre as grandes potências na sua indagação incessante por influência e controlo.

A História mostra que a força e a hegemonia das nações sempre dependeram do poder militar como garante de conquistas territoriais e os grandes Impérios do passado assentavam em formas coercivas de domínio político, económico e cultural. Todavia, o fim do mundo bipolar na centúria passada inaugurou uma nova ordem internacional de entropia sem registo onde os Estados são, mais do que nunca, capazes de influenciar o comportamento de outros sem recorrerem a formas coativas ou violentas (Nye, 2004).

2.1. O conceito de *soft power*

O debate sobre a ascensão de países como os EUA e a China centra-se quase exclusivamente nos aspetos económicos e militares - *hard power* - deste empreendimento. No entanto, outros instrumentos de poder, como a Educação, a diplomacia pública ou até a culinária², são hoje reconhecidos como componentes do estatuto de “Grande Potência” (Gill &

² Tal como acontece com os hambúrgueres *McDonald's* dos EUA, a diplomacia do *pad thai* é parte do “arsenal” a que o governo tailandês tem recorrido desde 2001 para mudar a imagem do país e atrair mais turistas. A tática revelou-se altamente eficaz e a Tailândia tornou-se mesmo base do conceito de “gastrodiplomacia”.

Huang, 2023). Todas essas vertentes são pilares do conceito de *soft power*, sintetizado pelo cientista político Joseph Nye (2004) como a força de direção, atração e imitação derivada principalmente de recursos intangíveis como a coesão nacional, a cultura, a ideologia e a influência no âmbito das instituições internacionais. Trata-se da "*capacidade de obter o que se quer através da atração e não da coerção ou de pagamentos*" (Nye, 2004, p. x).

Importa salientar que toda a discussão teórica relevante acerca do conceito gravita em torno do modelo explicativo de Nye, que inovou no campo das Relações Internacionais ao evidenciar o papel notável do *soft power*. Nye (2023) diz que um Estado pode exercer uma influência persuasiva tornando atrativo para outros países a sua cultura, o seu modelo económico, as instituições políticas ou os seus valores. *Soft power* ocorre "*quando um país faz com que outros países desejem o que ele quer*". "*Mas não é o mesmo que apenas influência*", já que "*influência pode resultar também de hard power ou ameaças*" Nye (2004, p. 6). O autor sugere três fontes fundamentais do *soft power* de um país: "*a sua cultura (em locais onde é atrativa para os outros), os seus valores políticos (quando está à altura deles no país e no estrangeiro) e as suas políticas externas (quando são vistas como legítimas e com autoridade moral)*" (Nye, 2004, p. 11). E acrescenta, em escrito posterior, que "*hard power, by contrast, rests on inducements by payment or coercion by threat. If someone puts a gun to your head and demands your wallet, it does not matter what you want or think. That is hard power. If that person is trying to persuade you to freely give up your wallet, everything depends on what you want or think. That is soft power*" (Nye, 2018, para. 6). Se o *hard power* é o "pau", o *soft power* será a "cenoura".

No século XXI, "*o poder assume várias formas e o soft power não é sinal de debilidade nem é bom ou mau em si mesmo: rasgar mentes não é necessariamente melhor do que torcer braços*" (Nye, 2018, para. 5). Contudo, importa referir que a força militar permanece uma fonte proeminente de poder, apesar do seu uso acarretar consequências crescentemente catastróficas num mundo que vai "encolhendo" e que assiste a um crescendo de interdependência económica – tal como a invasão beluína da Ucrânia e a violência avivada no Médio Oriente o corroboram. Em contextos de interdependência complexa, os Estados deverão considerar critérios mais alargados nos próprios conceitos de segurança e defesa (Lobo-Fernandes, 2005). Por essa razão, as ferramentas de *soft power* serão cada vez mais determinantes na procura da supremacia à medida que a teia internacional se enreda.

Ao longo da sua obra, Nye conserva sempre o exemplo dos Estados Unidos. O sucesso deste país ao longo do último século mede-se sobretudo pela capacidade de conversão de poder, ou seja, na capacidade para converter o poder potencial medido em recursos brutos em "poder

realizado” medido pela mudança de comportamento de terceiros (Nye, 2004). *Soft power* é um “verdadeiro poder” que se traduz na capacidade em realizar objetivos mais duradouros.

Outras abordagens teóricas contestam o uso do conceito de *soft power* na política internacional afirmando que os governos não têm controlo total sobre o poder de atração gerado por outros atores. Porém, embora uma parte significativa da exportação de sonhos americanos tenha realmente origem na sociedade civil, isso não invalida a sua existência ou efeitos (Nye, 2023). Numa sociedade liberal, o governo não pode nem deve controlar a cultura e a ausência de políticas de controlo pode, *per se*, constituir uma fonte de atração excecional. Os Estados devem sim saber capitalizar com os “lucros” que advêm do *soft power* gerado por outros intervenientes nacionais, potencializando a sua influência global sem comprometer a diversidade e a autenticidade da cultura.

Por outro lado, Huntington (2004) alerta para as ilusões do sucesso do *soft power*, afirmando que o simples facto de indivíduos de culturas não ocidentais adotarem elementos periféricos da cultura ocidental não implica automaticamente a sua adesão ou entendimento dos seus princípios essenciais, como direitos individuais ou o Estado de Direito: “*the essence of Western civilization is the Magna Carta, not the Magna Mac. The fact that non-Westerners may bite into the latter has no implications for their accepting the former*” (Huntington, 2004, p. 58). Sob uma perspetiva realista, o autor aborda a questão da subjetividade do *soft power* ao enunciar o que torna, de facto, uma cultura ou ideologia atrativa. Na sua obra *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order* (2004), Huntington assevera que o *soft power* converte-se em verdadeiro poder apenas quando se sustenta numa base de *hard power* e as culturas tornam-se atrativas quando associadas ao sucesso material e influência. O académico argumenta também que um forte poder económico e militar gera uma maior autoconfiança, arrogância e a crença na superioridade da própria cultura, engrandecendo significativamente a sua atratividade para outros povos. Por sua vez, regressões no poder económico e militar suscitam dúvida, crises de identidade e esforços para encontrar noutras culturas as chaves para o sucesso económico, militar e político. Segundo o autor, muitos dos choques na arena internacional nas décadas vindouras surgirão da dialética entre a arrogância ocidental, a visão islâmica do mundo e a assertividade Sinocêntrica. O próprio Nye (2018) admite que *soft power* raramente é suficiente por si só³. Contudo, quando conjugado com *hard power*, torna-se numa força multiplicadora – a vitalidade do Império Romano assentava tanto nas legiões de Roma

³ Recuperando as palavras do 26º presidente dos EUA, Theodore Roosevelt, “*Speak softly and carry a big stick; you will go far.*”

quanto nas atrações da civilização romana. Tal conjugação de forças foi uma pedra basilar da *pax americana* (Nye, 2018).

Em outubro de 2010, Nye publica o artigo de opinião “*The Pros and Cons of Citizen Diplomacy*” onde explora o “poder das narrativas” no mundo da política internacional. Aqui, a “*venda de uma imagem positiva*” será sempre mais eficaz se a narrativa for robusta. “*Na era da informação, o poder também reside com quem ganha a história*”, história essa contada por variadíssimas entidades privadas ou públicas, “*meios de comunicação social, celebridades e outros indivíduos, empresas, organizações não-governamentais, organizações intergovernamentais e redes de comunidades científicas*” (Nye, 2010). O poder da palavra prevalece sobre a palavra do poder.

Apesar de Nye definir o conceito de *soft power* através do exemplo dos Estados Unidos, este tem sido clara e paulatinamente adotado e adaptado por países em todo o mundo como um instrumento de política externa. O *soft power* tornou-se uma moeda global e é hoje frequentemente utilizado tanto na literatura política como académica e jornalística. A capacidade das nações de se tornarem atrativas num mercado globalizado de ideias e imagens que envolve uma miríade de atores e redes estatais e não estatais tornou-se um aspeto essencial das Relações Internacionais contemporâneas (Thussu, 2014). Na última década, muitos países criaram departamentos de diplomacia pública dentro dos seus Ministérios dos Negócios Estrangeiros, enquanto alguns governos recorreram aos serviços de empresas de relações públicas e de *lobbying* para coordenar as suas iniciativas de promoção da imagem do país, com o objetivo de atrair investimento estrangeiro e promover interesses nacionais além fronteiras (Thussu, 2014). Como afirma ainda o teórico, ao contrário da propaganda, que está inevitavelmente associada a uma conotação negativa nas sociedades democráticas, a diplomacia pública tem gerado pouca controvérsia, uma vez que é entendida como um instrumento mais persuasivo – e não coercivo.

2.2. *Soft power e sharp power*

Embora não seja um vetor de análise nesta dissertação, importa referir que Nye (2018) chama a atenção para um outro conceito recente – o *sharp power* – uma variação de *hard power* caracterizada pelo uso enganador de informação para fins hostis. A manipulação de ideias, perceções políticas e processos eleitorais têm uma longa história e tanto os Estados Unidos como a União Soviética recorreram a métodos dessa natureza durante a Guerra Fria. Governos

autoritários têm tentado há muito tempo fazer-se valer de notícias falsas e perturbação social para reduzir a atratividade da democracia (Nye, 2018). O autor reconhece que, ainda que o *sharp power* e o *soft power* operem de maneiras profundamente diferentes, a distinção entre os dois pode ser difícil de fazer, tornando uma eventual resposta ao *sharp power* algo implexo, porque em nome do *soft power* é aplicado o *sharp power*. Toda a persuasão envolve escolhas sobre como enquadrar a informação. Quando as escolhas voluntárias do sujeito são limitadas, assiste-se à decepção e é ultrapassada a linha da coerção.

Ao analisar as diferenças entre *sharp power* e *soft power*, Nye examina o exemplo da China e dos Estados Unidos que, para promoverem um certo apaziguamento, desenvolvem programas de intercâmbio, como os Institutos Confúcio (ICs), que podem facilitar a cooperação entre os dois países. Para Nye, o apoio governamental chinês aos ICs em solo norte americano não significa, necessariamente, uma ameaça de *sharp power*. “A BBC também recebe apoio do governo, mas é independente o suficiente para permanecer como um instrumento de *soft power* credível” (Nye, 2018, para. 14). Somente quando um IC ultrapassa a linha e tenta infringir a liberdade acadêmica é que deve ser tratado como *sharp power*. Existe uma diferença clara entre a coerção e manipulação e a habilidade de influenciar através da atração e persuasão.

2.3. Um admirável mundo novo – ilustrações históricas do *soft power*

Os exemplos históricos mais interessantes de *soft power* estão patentes nos ideais políticos difundidos pela *Radio Free Europe* no advento da Guerra Fria quando na estação se vociferavam os milagres do “*American Way of Life*” interlaçados com o ritmo libertador do jazz⁴; na televisão por satélite que evidenciou de forma única o apoio da América aos processos de transição democrática na Europa de Leste; nas grandes empresas com o selo do Tio Sam; no alcance da Fábrica de Sonhos; na música; na Internet ou na proeminência das universidades norte-americanas. A longo prazo, o poder de sedução dos valores da liberdade, dos direitos humanos e das oportunidades individuais é sempre mais eficaz do que a coação (Nye, 2004). A cultura norte-americana “*de Hollywood a Harvard tem um alcance global superior a qualquer outra no mundo*” (Nye, 2004, p. 7).

Na segunda metade da centúria findada, os *blue jeans* e o *rock* tornaram-se marcas americanas de uma juventude globalizada em todos os países onde eram oficialmente tolerados

⁴ “Nenhuma ditadura tolera o jazz...”, declarou o pianista Dave Brubeck perante uma audiência polaca em 1958, marcando a primeira atuação na História de uma banda americana do outro lado da Cortina de Ferro. “É o primeiro sinal do retorno da Liberdade” (Perrigo, 2017).

e em alguns onde não eram, como na União Soviética a partir dos anos 60 (Hobsbawm, 1996). As letras das canções de *rock* em inglês, muitas vezes, nem eram traduzidas⁵. Tudo isto “*refletia a esmagadora hegemonia cultural dos Estados Unidos na cultura popular e nos estilos de vida*” (Hobsbawm, 1996, p. 327). As vendas de discos nos EUA subiram de 277 milhões de dólares em 1955, quando o rock apareceu, para 600 milhões em 1959, e 2 mil milhões em 1973 (Hobsbawm, 1996). Quanto mais rico o país, maior o negócio discográfico: jovens na Suécia, Alemanha Ocidental, Países Baixos e Grã-Bretanha gastavam entre sete e dez vezes mais por cabeça do que os de países mais pobres, mas em rápido desenvolvimento, como a Itália ou Espanha (Hobsbawm, 1996). Cada disco vendido carregava o símbolo de uma nação que prometia, independentemente dessa promessa ser um reflexo distorcido ou não da realidade, um estilo de vida sem paralelo. Foi este também o propósito do célebre casal Barbie e Ken que, para o regime dos *Ayatollahs*, tem consequências culturais e sociais destrutivas. Por essa razão, o Irão apresentou a Dara e a Sara, duas bonecas modestamente vestidas e difusoras de valores tradicionais. Rahimi, um vendedor de brinquedos iraniano, considerou que “*a boneca Barbie é mais nefasta que um míssil americano*” (Dareini, 2002). Tais palavras refletem a razão pela qual, apesar dos constantes conflitos que deflagram por todo o globo, o *soft power* é uma variável essencial na equação de poder vigente numa realidade onde a Coca-Cola⁶ continua a mover mais pessoas que qualquer capricho ditatorial.

O último quartel do século XX avançou a um ritmo alucinante e nem mesmo a China poderia continuar enclausurada por trás dos seus portões dourados. Considerado um momento brilhante na história do Ocidente com o gigante asiático – e um exemplo capital do exercício de *soft power* anglo-saxónico - num período em que a China se libertava lentamente dos grilhões do regime maoísta, os *Wham!* aterraram em Pequim em abril de 1985 e tornaram-se oficialmente na primeira banda britânica a atuar em solo chinês. Nos bastidores desta anomalia especial, a tenacidade do agente dos *Wham!* desempenhou um papel fundamental ao convencer, durante 18 meses, o governo chinês de que receber a banda não só ampliaria o seu estatuto global, mas também atrairia os cobiçados investimentos estrangeiros⁷. O *rock* tinha sido proibido e a música pop estava sujeita a pesada regulação e censura durante a Revolução

⁵ A canção “*Back in the USSR*”, dos Beatles, lançada em 1968, encantou muitos dos que a ouviam sorrateiramente para lá da “cortina” que se estendia do Báltico ao Trieste. Os sons do rock britânico acentuaram ainda mais a austeridade cinzenta que engolia todos aqueles que viviam na órbita de Moscovo. Paul McCartney diria anos mais tarde numa entrevista que “*ainda que os chefes no Kremlin possam não gostar de nós, as crianças gostam. E para mim isso é muito importante para o futuro da raça humana*” (McGuinness, 2023).

⁶ O filme sul-africano “*The Gods Must Be Crazy*” (1980) não só explora de forma irónica o impacto quase divino da bebida mais afamada do planeta, como também exemplifica uma tentativa infrutífera do regime do *apartheid* de normalizar o lugar da África do Sul na comunidade internacional.

⁷ Esta epopeia musical foi retratada no documentário de Lindsay Anderson: “*Wham! in China: Foreign Skies*”.

Cultural. Este género musical começou a ganhar popularidade entre os jovens chineses na década seguinte, quer através de bandas de Hong Kong, então sob domínio britânico, quer através das cassetes que chegavam ao país via diplomatas e estudantes estrangeiros. A entrada de *"Wake Me Up Before You Go Go"* na China sinalizava uma certa abertura após os anos caracterizados pela erradicação dos elementos de modernidade ocidental orquestrados pelo Grande Timoneiro⁸. Por muito bizarro que possa parecer, vivemos num mundo onde até o mais sanguinário ditador escuta a mesma música que um jovem etíope no seu quarto.

Quando as políticas de um país são vistas como legítimas, o seu *soft power* é reforçado. *"Think of the impact of Franklin Roosevelt's Four Freedoms in Europe at the end of World War II; of young people behind the Iron Curtain listening to American music and news on Radio Free Europe; of Chinese students symbolizing their protests in Tiananmen Square by creating a replica of the Statue of Liberty; of newly liberated Afghans in 2001 asking for a copy of the Bill of Rights; of young Iranians today surreptitiously watching banned American videos and satellite television broadcasts in the privacy of their homes"* (Nye, 2004, p. x). Tudo isto são exemplos da aplicação de *soft power* que inclinaram o rumo da História e que, segundo Nye, fazem com que não seja necessário gastar tanto em incentivos ou punições para influenciar nações terceiras. Ainda assim, o *soft power* americano e as promessas a ele associadas sempre constituíram uma ameaça a outros blocos do palco internacional. Embora as estratégias executadas pelos Estados Unidos lhes tenham conferido uma influência muito além do duro limite da política tradicional do equilíbrio de poder, essa atração tem-se transformado numa certa repulsa. Muitos consideram a postura de Washington nos últimos anos arrogante e destrutiva, caracterizada por ações fora de casa que corroem os valores proclamados pela primeira economia mundial (Nye, 2004). O *soft power* ajuda a criar uma marca. No entanto, certas escolhas estratégicas noutros campos de ação podem comprometer seriamente a sua integridade e prestígio.

2.4. O Índice Global de *soft power*

Analisando diversos indicadores de *soft power* relacionados com as áreas dos negócios, cultura e legado, valores, media, governação e movimentos no xadrez internacional, a *Brand*

⁸ Momentos antes de George Michael subir ao palco, temores de multidões incontroláveis e o espectro de possíveis tumultos pairavam no ar. Os agentes de segurança advertiam os jovens chineses que ousassem levantar-se e dançar. Num período em que *"Careless Whisper"* se tornou uma escolha ubíqua para os entusiastas de *karaoke* em toda a China, é custoso pensar num tempo em que os seus versos fossem desconhecidos.

Finance calculou o Índice Global de *Soft power* 2024. Baseado num inquérito a mais de 170 000 indivíduos oriundos de mais de 100 países, a investigação concluiu que, num momento de incerteza e instabilidade global, as credenciais económicas são pilares fundamentais do *soft power* de uma nação (Brand Finance, 2024). Por outro lado, importa referir que o *hard power* claramente feriu a imagem da Rússia e Israel, registando estes países descidas categóricas no ranking. Os Estados Unidos e o Reino Unido continuam a ocupar os dois lugares cimeiros da lista, mas é a China que conquista maior relevância ao suplantat a Alemanha no terceiro lugar depois de uma subida vertiginosa. Navegando estrategicamente entre uma herança milenar, proeza económica e inovação tecnológica, a China viu a sua posição no ranking subir de forma excecional, estando esta ascensão intimamente ligada às áreas do comércio, ciência e, mais notavelmente, educação e contribuição para a paz e o bem-estar global (Brand Finance, 2024).

Como veremos no capítulo seguinte, a abordagem da China ao conceito de *soft power* não encontra paralelo. O que distingue a China neste reino não é apenas a escala colossal dos seus investimentos, mas principalmente a sua narrativa e abordagem singulares na projeção de influência. Ao contrário dos modelos tradicionais de *soft power* ocidentais, que frequentemente enfatizam os valores democráticos liberais e as exportações culturais, a estratégia de *soft power* da China está intricadamente ligada à sua própria narrativa histórica, dinâmicas sociopolíticas contemporâneas distintas e aspirações à liderança global. Compreender a versão chinesa de *soft power* envolve uma análise profunda da herança de Confúcio na sociedade chinesa, do pragmatismo económico de Pequim inaugurado por Deng Xiaoping e da comunicação estratégica destinada a transformar as perceções globais em torno do proclamado interesse do Partido Comunista Chinês (PCC) em “*promover a construção de uma comunidade com um futuro partilhado por toda a Humanidade*” (Xi, 2023).

III. O *SOFT POWER* CHINÊS: DE CONFÚCIO A HU JINTAO E XI JINPING

“China is a civilization pretending to be a nation.”

- Lucian Pye

Realizar uma análise profunda das raízes do pensamento chinês que explique a postura da China no quadro das Relações Internacionais desde a era de Confúcio (século VI a.C.) até à presidência de Xi Jinping não é o tema desta dissertação. Tal empreendimento hercúleo foi levado a cabo por Wang Hui, na sua *magnum opus* “*The Rise of Modern Chinese Thought*”⁹, inicialmente publicada em 2004. Mas, para entender a singularidade do *soft power* chinês, mesmo à custa de uma simplificação, torna-se necessário indagar pelo passado da China e entender que Pequim alavanca milénios de uma história ímpar nos registos coletivos da Humanidade.

Assim, este capítulo é apresentado em quatro partes. Em primeiro lugar, será tecida uma breve análise do património de Confúcio na filosofia chinesa; de seguida, analisa-se, de forma concisa, o legado turbulento de Mao Zedong, a sua cegueira ideológica, a rejeição da tradição chinesa e os seus esforços no palco internacional; posteriormente, será abordada a coragem política, ponderação e visão da empreitada de Deng Xiaoping que transformou a China num colosso económico; e, por fim, serão discutidas a indústria cultural global inaugurada por Hu Jintao e as idiossincrasias do *soft power* chinês.

3.1. A arte de preservar *O Mandato do Céu* (天命) – o legado de Confúcio

“When there is order in the nations, there will be peace in the world.”

- Confúcio

Aquando do surgimento dos primeiros caracteres chineses durante a Dinastia Shang, em 2000 a.C., o Antigo Egito estava no auge da sua glória, as intemporais cidades-Estado gregas por onde Platão um dia caminharia não tinham ainda emergido e Roma teria ainda de esperar

⁹ Aqui, o académico em Língua e Literatura chinesa da Universidade de Tsinghua conduz o leitor pela efervescência intelectual experimentada na China ao longo de milénios, desvendando de forma magistral a interação entre a filosofia tradicional chinesa e o influxo de ideias ocidentais. O autor oferece uma análise da transformação cultural e intelectual da China, dissecando a intricada tapeçaria que sustentou a modernização chinesa e que resistiu ao duro teste do tempo.

mil anos pelo seu lugar na História. Todavia, apesar dos milénios volvidos, o sistema de escrita de então é ainda usado hoje por mais de um bilião de pessoas e qualquer jovem chinês consegue ler os aforismos da era de Confúcio (Kissinger, 2012). É durante um período de extrema agitação política e militar e numa nação fraturada¹⁰ que o filósofo chinês surge.

Ao contrário de cientistas políticos europeus posteriores que se dedicaram ao aconselhamento de líderes sobre as maquinações subjacentes à arte de governação, o interesse primordial de Confúcio estava na promoção da harmonia social (Kissinger, 2012). O educador por excelência na história da China aconselhava os governantes a exercerem o poder de forma justa e benevolente, priorizando sempre o bem-estar do povo e a ordem social. Deveriam praticar a virtude, governar sabiamente e, acima de tudo, procurar sempre o consenso e a reconciliação em detrimento da coerção – um eco claro do conceito de *soft power*. Uma vez unificada depois do período de conflitos sangrentos que marcou a vida do itinerante e pensador chinês, a China adotou o Confucionismo como a filosofia oficial do Estado¹¹ (Kissinger, 2012). O ensino era um pilar fundamental da sociedade idealizada por Confúcio e os seus ensinamentos foram a base da educação de todos os funcionários da burocracia imperial chinesa, que deveriam ser submetidos a um exame para se tornarem oficiais do governo (Lodén, 2021). Este sistema perdurou até ao século XX, um claro sinal da perseverança e integração da ideologia confucionista na cultura política chinesa (Lodén, 2021).

3.2. A tormenta Maoísta – a revolução contínua de Mao Zedong

“Political power grows out of the barrel of a gun.”

- Mao Zedong

O legado de Confúcio marcou indelevelmente toda a história da China. Contudo, a partir de 1949, quando é proclamada a República Popular da China, de orientação comunista, Mao Zedong torna-se no primeiro líder chinês a integrar o despedaçar deliberado das tradições chinesas na política de Estado. O Grande Timoneiro via-se como um regenerador da China,

¹⁰ *The Warring States period* (475–221 a.C.) destacou-se como um caldeirão de intriga política, inovação militar e iluminação filosófica por toda a China. Durante esta era tempestuosa, viveram figuras seminais do pensamento chinês como Confúcio e Sun Tzu.

¹¹ O corpus confucionista evoluiria para algo semelhante a um texto sagrado refletido na Constituição da China. A sabedoria presente nos aforismos de Confúcio tornou-se a qualificação central de todos os funcionários do governo, munindo-os com a destreza diplomática necessária para resguardar a harmonia nos vastos domínios do Imperador. Nos séculos seguintes, este virtuosismo à mesa de negociações, que encontra o seu epítome em Li Hongzhang, um engenhoso diplomata e modernizador chinês do século XIX, serviria, por diversas ocasiões, como a última linha de defesa contra a total desintegração da unidade chinesa.

promovendo a sua revitalização ao dismantelar, de forma extraordinariamente violenta, o legado de Confúcio (Kissinger, 2012). A China de Mao passou a ser, por definição e praxis, um país em crise permanente. Enquanto a tradição confucionista valorizava a harmonia universal, Mao idealizava a revolta e o confronto implacável de forças opostas. Ao contrário do Confucionismo, que valorizava o acordo e a promoção do equilíbrio e da moderação quando se levavam a cabo reformas, Mao impelia uma transformação radical e uma rutura total com o passado¹². Como proclamou perante o filósofo francês André Malraux em 1965, “*o pensamento, cultura e costumes que trouxeram a China até onde ela está hoje devem desaparecer, (...) a luta deve continuar enquanto existir o perigo de voltarmos ao passado*” (Malraux, 1968, p. 387). Mao declarava guerra à arte, à cultura e ao pensamento tradicional da China porque, na sua interpretação da História, a ordem confucionista havia mantido o país fraco e a proclamada "harmonia" não era nada senão uma forma de subjugação. O progresso dar-se-ia apenas através de uma série de testes brutais, tanto internamente quanto no palco internacional (Kissinger, 2012).

Enquanto dentro de fronteiras os ensinamentos do “*Pequeno Livro Vermelho*”¹³ forçavam uma revolução ilacrimável e desastrosa por todo o território chinês, o respaldo de Mao ao espírito de Bandung¹⁴ personificava o compromisso da China com o anti-imperialismo, o não-alinhamento e a solidariedade entre as nações pós-coloniais durante a era da Guerra Fria. Enraizada na sua própria experiência de libertação revolucionária, a China ergueu-se como uma voz preeminente do que atualmente se denomina por Sul Global, tecendo alianças fundadas em

¹² Não era por acaso que uma das figuras da história chinesa que Mao mais admirava se tratava do Imperador Qin Shihuang, considerado o fundador da China enquanto Estado imperial unificado (221 a.C.). Contudo, a Qin nunca foi conferida a veneração absoluta na história chinesa, já que o ex-Imperador ordenou a queima de livros e a perseguição a seguidores de Confúcio, enterrando vários deles vivos. Guerreiro e poeta, numa das suas inúmeras estrofes, Mao elogia a figura em 1973: “*Please don’t slander Emperor Qin Shihuang, Sir / For the burning of the books should be thought through again. / Our ancestral dragon, though dead, lives on in spirit, / While Confucius, though renowned, was really no one (...)*” (Adams, 2007).

¹³ Um ícone da China e do Comunismo, uma obra-prima de propaganda pura, o “*Pequeno Livro Vermelho, Citações do Presidente Mao Zedong*”, com primeira publicação em 1964, tornou-se uma forma de sobrevivência para o cidadão chinês durante a Revolução Cultural. A Guarda Vermelha, encarregue de purgar qualquer um que fosse uma ameaça à revolução contínua proclamada por Mao, era responsável por verificar se os suspeitos levavam consigo o livro ou se sabiam recitar de cor excertos da sabedoria do Grande Timoneiro. A obra contém centenas de aforismos da autoria de Mao e é hoje a melhor porta para o espírito do homem que abanou o povo chinês como nenhum outro. Mais de um bilião de cópias foram impressas e, desde as mãos dos estudantes de Direito do Partido Comunista dos Trabalhadores Portugueses, aos jovens que enchiam as ruas de Paris em maio de 1968, o livro inspirou um Comunismo que foi ferozmente estatal e implacavelmente repressivo.

¹⁴ Em 1955, pela primeira vez sem a participação de qualquer potência ocidental ou da União Soviética, reuniram-se em Bandung 29 delegações afro-asiáticas. O objetivo era definir as linhas gerais de atuação dos países recém-descolonizados e a mensagem da conferência esteve na base do “Movimento dos Não Alinhados” que atravessou a Guerra Fria. Como a Madame Sun Yat-sen, esposa do fundador da República da China, declararia anos depois, “*poucas cidades na História conquistaram tantas mentes e corações como Bandung*” (Xinhua, 2024e).

lutas compartilhadas contra o colonialismo e o imperialismo¹⁵ (Kissinger, 2012). Apesar da destruição económica e penúria social interna, os movimentos de Mao na arena global atraíram o interesse de outras nações, lançaram os alicerces para o posterior envolvimento da China com o mundo em desenvolvimento e solidificaram as suas credenciais enquanto grande potência num mundo dividido entre os EUA e a União Soviética. Internamente, a sua insistência em virar do avesso o sistema antigo não escapou ao ritmo eterno da vida chinesa e os seus sucessores rapidamente voltariam a descrever a China como uma sociedade confucionista (Kissinger, 2012). Quatro décadas após a morte de Mao Zedong, em 1976, uma estátua de Confúcio era erguida no campo de visão do retrato massivo do líder revolucionário comunista pendurado aos portões de Tiananmen. Apenas um povo tão resiliente e paciente quanto o chinês poderia emergir unido e dinâmico de tal tempestade.

3.3. A nova fábrica do mundo – a empreitada de Deng Xiaoping e o início do *soft power* económico

“Mao Zedong gave us liberation, but Deng Xiaoping gave us food.”

- Provérbio chinês

Após o desastre económico da Revolução Cultural engendrada por Mao, a missão de mudar a face da China foi assumida por Deng Xiaoping a partir do final da década de 70 do século passado. Ao romper com o modelo económico planificado, autárquico e coletivista, a era Deng desencadeou um crescimento sem precedentes no último quarto do século XX, transformando profundamente a economia e a sociedade chinesas e levantando 800 milhões de pessoas da pobreza extrema (World Bank, 2024a). Com uma média notável do crescimento do PIB a rondar os 9% ao ano desde a sua abertura ao mundo, em 1978, até 2022 (World Bank, 2024a), o sucesso económico do gigante asiático serve hoje como uma pedra angular do *soft power* chinês, projetando uma imagem de competência, dinamismo e resiliência para o mundo. A atratividade do modelo de desenvolvimento chinês para os países em desenvolvimento é inegável e, em poucas décadas, a China passou de uma nação essencialmente rural para o maior produtor industrial no globo (World Population Review, 2024a). Além disso, a atenção dedicada

¹⁵ Por exemplo, a China foi a primeira nação não árabe a receber a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) em 1965. No seu encontro com a delegação palestina, Mao afirmava que *“o imperialismo tem medo da China e dos árabes. Israel e Formosa [Taiwan] são bases do imperialismo na Ásia. Vocês são o portão do grande continente e nós somos a retaguarda. Criaram Israel para vocês, e a Formosa para nós. O objetivo deles é o mesmo”* (Harris, 1977, p. 127).

por Deng à estabilidade, à diplomacia pragmática e à não ingerência nos assuntos internos de outros países posicionou a China como um parceiro fiável para a cooperação económica e assistência ao desenvolvimento (Vogel, 2011). Apesar das críticas ao longo dos anos em relação a questões relacionadas com direitos humanos e liberdades políticas, o apelo do modelo chinês persiste, moldando o discurso sobre estratégias de desenvolvimento e desafiando a dominância dos paradigmas de desenvolvimento centrados no hemisfério ocidental.

Se Mao conseguiu um lugar à mesa dos dois gigantes geopolíticos num mundo extraordinariamente bipolar, Deng Xiaoping libertou o imenso potencial produtivo da nação chinesa¹⁶, integrando-a no mercado globalizado mundial e garantindo que nas décadas vindouras não seria possível contornar a voz de Pequim. Hoje, já bem para lá do dealbar do século XXI, o futuro da História reside no cruzamento de dois apetites: o do mundo pela China, e o da China pelo mundo.

3.4. A história do Dragão – a visão de Hu Jintao e o *soft power* cultural chinês

“The Chinese culture belongs not only to the Chinese but also to the whole world.”

- Hu Jintao

A elasticidade do conceito de *soft power* tornou-o facilmente adaptável a outros contextos e a China tem exibido uma curiosidade insaciável com a ideia concebida por Nye. No verão de 2008, durante a cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos, o país apresentava-se no palco global com uma profusão sincronizada de cores e cânticos milenares e, num momento de admiração e reverência, os movimentos do coro de discípulos de Confúcio cativavam os olhares do mundo. Um ano antes, o termo *soft power* surgia pela primeira vez entre os mais altos quadros da liderança chinesa pela voz do então presidente Hu Jintao (Repnikova, 2022a). No seu discurso ao 17º Congresso Nacional do Partido Comunista Chinês, em 2007, Hu falava da importância do fortalecimento do *soft power* cultural chinês (文化软实力) e anunciava que o grande rejuvenescimento da China seria acompanhado pelo florescimento da cultura chinesa:

¹⁶ A expressão “*Shenzhen speed*” é usada para descrever a evolução sensacional de Shenzhen, uma das Zonas Económicas Especiais (ZEEs) criadas no final dos anos 70 por Deng. De aldeia piscatória, Shenzhen transformou-se, em pouquíssimos anos, num polo global de tecnologia e manufatura. Arranha-céus pareciam surgir durante a noite e a produção em massa de bens ocorria a um ritmo frenético. Entre 1980 e 2008, o PIB de Shenzhen aumentou de 4 milhões de dólares para cerca de 114 mil milhões, com uma taxa média de crescimento anual de 26,9%. Por sua vez, o rendimento *per capita* aumentou dramaticamente de 122,43 dólares para 13 196,21 (Zeng, 2010).

“devemos valorizar a cultura como parte do soft power do nosso país (...) Vamos divulgar ainda mais as tradições belas da cultura chinesa e fortalecer os intercâmbios culturais internacionais para aumentar a influência da nossa cultura em todo o mundo” (Hu, 2007, para. VII).

Sob a presidência de Hu Jintao, a China passou a utilizar a ideia confucionista de harmonia para contrariar a noção de que o país seria uma ameaça (Zhao, 2013). A China integrou lealmente o *soft power* como aspeto notável da sua política externa não só porque era compatível com muitos aspetos do pensamento tradicional e estratégico chinês, mas sobretudo porque o conceito oferecia uma solução para aquietar as ansiedades¹⁷ em todo o mundo em torno da ascensão meteórica da nação asiática (Hassen, 2023). Em 2007, Hu reafirmava que o país estava *“orientado para a modernização, o mundo e o futuro”* e que seguiria *“inabalavelmente uma estratégia de abertura vantajosa para todos”* (Hu, 2007, para. XI). A China continuaria *“a contribuir para o desenvolvimento regional e global e acomodaria as preocupações legítimas de outros países, especialmente dos países em desenvolvimento”*. Para o ex-líder asiático, o desenvolvimento do país permitia mesmo *“o progresso da civilização humana”* (Hu, 2007, para. XI).

Não há dúvida de que a elite política e intelectual dominante da China perfilhou, com algumas adaptações, o conceito de Nye. Para Hu Jintao, a cultura era um importante fator de coesão nacional e de criatividade e seria uma prioridade do Estado chinês impulsionar a indústria cultural, tanto nacional como internacionalmente (Sun, 2023). É essa a intenção das palavras do ex-chefe de propaganda do PCC, Li Changchun, nas comemorações da televisão chinesa em 2008, quando refere que *“na Era Moderna, os métodos de comunicação da nação que forem mais avançados, a capacidade de comunicação da nação que for mais forte... tem mais poder para influenciar o mundo”* (Bandurski, 2009).

A conceção e expansão exponencial dos Institutos Confúcio (ICs) viriam a ser o maior legado de Hu Jintao no quadro do *soft power* chinês e da sua projeção internacional, reforçando um dos seus maiores instrumentos de sucesso, o *soft power* económico. No início do seu mandato, a China carecia de uma narrativa popularmente unificadora e os fundamentos

¹⁷ E quem melhor para aquietar ansiedades do que pandas? A “Diplomacia do Panda” foi utilizada pela primeira vez pela Imperatriz Wu Zetian, que presenteou a corte japonesa com dois pandas gigantes em 685. Desde então, o encantador animal, considerado um tesouro nacional na China, foi várias vezes usado como gesto de boa vontade diplomática. Em 1972, durante a histórica visita de Nixon à China, o próprio Mao ofereceu ao presidente norte-americano um casal de pandas. O sucesso foi tal que o primeiro-ministro britânico Edward Heath pediu também um par para o zoo de Londres. Os pandas são considerados um veículo de *soft power* chinês, transmitindo uma imagem pacífica da China. Os últimos de que há notícia de terem cumprido a sua missão enquanto embaixadores rumaram a Moscovo, depois da visita de Xi Jinping à capital russa. Vladimir Putin aceitou com gratidão e respeito a honra e nem ao autocrata russo escapou um sorriso ao contemplar os dois novos serenos habitantes do zoo moscovita.

ideológicos não ofereciam slogans simpáticos à comunicação social, especialmente em termos de aplicabilidade internacional (Shambaugh, 2015), isto é, o *soft power* político não era muito atrativo. A criação da rede global de ICs não só oferecia uma história da China ao mundo como também servia para demonstrar à população chinesa que a China é bem vista e respeitada globalmente. Em 2010¹⁸, mais de 280 ICs funcionavam em dezenas de países (Ni, 2010). Até 2023, o número ascenderia a 525 em todos os continentes (Aday et al., 2019). Os consulados e as embaixadas no estrangeiro também organizam frequentemente “Semanas da Cultura Chinesa”, com o apoio direto do Ministério da Cultura. Em 2011, por exemplo, foi lançado um “Ano da Cultura Chinesa” na Austrália e, um ano mais tarde, aconteceria o mesmo em Itália, na Alemanha e na Turquia (Dikötter, 2022). Num capítulo posterior desta dissertação, será explorada a natureza dos ICs enquanto uma das ferramentas por excelência do *soft power* chinês e a sua irradiação na Etiópia.

3.5. Xi Jinping e o sonho chinês: o *soft power* global

"Without full confidence in our culture, without a rich and prosperous culture, the Chinese nation will not be able to rejuvenate itself."

- Xi Jinping

Hoje, a projeção da indústria cultural chinesa mantém-se no topo da agenda do Politburo do Partido Comunista da China e o presidente Xi Jinping¹⁹ também tem incessantemente enfatizado a importância do *soft power*. Dois anos após o início do seu mandato em 2012, a China já investia cerca de 10 mil milhões de dólares por ano no fortalecimento do seu *soft power* através dos seus meios de comunicação, educação, artes, desporto e cultura (Shambaugh, 2015).

¹⁸ Segundo o ponto 5.3.2. do Plano de Ação (2010-2012) do FOCAC de 2009, o governo chinês disponibilizava-se para “continuar a promover o desenvolvimento dos Institutos Confúcio, aumentar o número de bolsas oferecidas a professores de língua chinesa para os ajudar a estudar na China e redobrar os esforços para aumentar a capacidade dos professores africanos locais para ensinar a língua chinesa.”

¹⁹ Num regime de partido único como o chinês, é fundamental entender razoavelmente a personalidade do Secretário-Geral do PCC. Xi Jinping, um confesso amante de História, tem por hábito partilhar provérbios chineses antigos com líderes estrangeiros. Para o presidente chinês, extrair lições do passado é fundamental para formular decisões políticas. Desde as suas leituras à luz do óleo na China rural em plena Revolução Cultural, o atual líder do PCC alcançou os mais altos palcos das Nações Unidas onde tem, por diversas vezes, proposto uma série iniciativas relativas ao intercâmbio civilizacional e às Relações Internacionais, vincando sempre o compromisso da China para com a construção da paz mundial. No seu discurso de abertura do Fórum da “Nova Rota da Seda”, em 2019, Xi usava as palavras de um ancião filósofo chinês - “as plantas com raízes fortes crescem bem, e os esforços com o foco apropriado asseguram o sucesso” – para traçar um paralelo com a dedicação de Pequim em relação ao projeto de melhoria do sistema de governação global (Xi, 2019).

A maior fatia do financiamento destinava-se à CCTV (a partir de 2010, CGTN), a rede de televisão nacional que ostentava o edifício mais caro do país, uma sede que se elevava a 230 metros (Dikötter, 2022). Com acesso a seis satélites, as suas estações alcançavam o mundo inteiro em várias línguas. Como um propagandista local explicava, “*temos de deixar o mundo inteiro ouvir as histórias que os cidadãos chineses têm para contar sobre a democracia, a liberdade, os direitos humanos e o Estado de Direito*” (Dikötter, 2009, p. 282).

Domesticamente, Xi relaciona o *soft power* cultural com o desenvolvimento estonteante da China, colocando o poder cultural no mesmo patamar de importância do *hard power* e sublinhando que o percurso de desenvolvimento de qualquer grande país ao longo da História inclui a evolução do poder económico e militar, bem como o reforço do poder cultural, valores e ideologias (Repnikova, 2022a). Nos seus discursos orientados para a política externa, Xi tem sucessivamente grifado a urgência de construir um poder de discurso internacional, especialmente *vis-à-vis* o Ocidente, exortando os jornalistas a “*contarem bem a história da China*” (Repnikova, 2022a). Em todas as suas alocações, Xi promove uma China responsável, comprometida com o desenvolvimento harmonioso, interessada em proteger a justiça internacional, colaboradora com as instituições humanitárias no mundo e peça fundamental na afirmação das relações Sul-Sul. Como defendem Roselle et al. (2014, p. 71), “*a narrativa estratégica é o soft power do século XXI*”.

Alguns estudos também concebem o *soft power* como um “escudo” contra a intrusão cultural ocidental, uma ideia que, segundo Repnikova (2022a), está bem patente no conceito de “segurança cultural” (文化安全) da era Xi Jinping. “Imunidade” (免疫力) também surge em discussões sobre a necessidade de a China melhorar a sua resistência contra a infiltração cultural do Ocidente. Vários académicos chineses chegam mesmo a argumentar que um enfraquecimento do *soft power* chinês poderá expor o país ao risco de colapso e manipulação externa (Repnikova, 2022a).

3.6. A singularidade do *soft power* chinês

“I have seen the Future and it works.”

- Lincoln Steffens

Importa referir também que, enquanto Nye faz uma distinção clara entre *hard power* e *soft power*, os pensadores chineses não desenham uma linha divisória tão clara. Para Pequim,

o *soft power* apresenta-se como um conceito eclético e bem mais abrangente, abraçando a tradição sínica, princípios morais, ideologia política, práticas de governação e o poderio económico. Na perspetiva da liderança chinesa, o modelo de desenvolvimento da China é uma característica nuclear do conceito e o brilho do arquétipo chinês tem gerado *soft power* através da produção de admiração (Keimetswe, 2021).

No seu discurso ao 17º Congresso Nacional do PCC em 2007, Hu Jintao anunciava a intenção de “*erguer bem alto a grande bandeira do socialismo com características chinesas*”, reforçando a “*diplomacia multidirecional*” e uma política externa orientada para a coexistência pacífica. Como argumenta Repnikova (2022a), são vários os académicos chineses que vêem em Pequim e no seu milagroso “Modelo China” (中国模式) uma visão alternativa e competitiva ao Consenso de Washington, especialmente no contexto do mundo em desenvolvimento. Os seus pilares assentam na prioridade dada ao desenvolvimento económico, na flexibilidade e experimentação, na liderança forte do Estado enquanto guia e corretor do processo de reforma e na combinação proativa e ordeira no processo de globalização (Kurlantzick, 2007). Mesmo quando não existem referências diretas ao modelo chinês, são infínitos os estudos que invocam as práticas económicas extremamente bem sucedidas da China enquanto parte do seu apelo de *soft power*.

Hoje, “*what is happening in China (...) is not only a model for China, but has begun to remake the whole landscape of international development, economics, society and, by extension, politics*” (Ramo, 2004, p. 3). Mais do que nunca, o titã asiático entende que a conquista dos corações e mentes dos povos do mundo é vital para alcançar credibilidade e respeito à mesa onde se decidem os destinos do Homem. Se o século XX foi americano, o século XXI pode pertencer a Pequim e, com os olhos postos no *Berço da Humanidade*, a China tem procurado encantar as nações africanas através da sua vigorosa ofensiva de charme.

IV. ENTRE A SEDA E O MARFIM: O SOPRO DO DRAGÃO EM ÁFRICA

“China-Africa cooperation stands as a fine example of South-South cooperation.”

- Xi Jinping

Antes de analisar o caso da Etiópia e a maneira como a China tem deslumbrado Adis Abeba, importa compreender a evolução do interesse chinês em África desde os finais da década de quarenta do século passado até aos dias de hoje. Neste capítulo, realiza-se essa análise, dividida em três períodos distintos: 1) as contribuições de Mao Zedong e o papel da China enquanto voz do Terceiro Mundo; 2) o afastamento de África e o lançamento das bases da elevação da China a potência económica durante a era Deng; e 3) a reaproximação chinesa ao coração africano no final do século XX e a institucionalização do compromisso entre os dois blocos através do Fórum de Cooperação China-África (FOCAC) no início do novo milénio.

4.1. A China e o Terceiro Mundo

“History is a symptom of our disease.”

- Mao Zedong

Embora os primeiros contactos significativos entre a China e África remontem ao século XV²⁰, foi após a proclamação da República Popular da China²¹, em 1949, que as relações Sino-Africanas se começaram a desenvolver verdadeiramente. Durante a era maoísta, os laços entre a China e o continente foram marcados por declarações de solidariedade com o Terceiro Mundo, destacadas na Conferência de Bandung, em 1955, e pela hostilidade chinesa visceral ao imperialismo ocidental²² (Bräutigam, 2011).

²⁰ Entre 1405 e 1433, a China lançou uma das ações navais mais fantásticas da História. O Almirante Zheng He comandou uma frota formidável de “navios tesouro” até destinos tão longínquos quanto o Corno de África. A cada paragem que fazia, o Almirante chinês proclamava a magnificência do seu imperador, oferecia presentes sumptuosos aos governantes estrangeiros que encontrava e convidava-os a visitarem terras chinesas. Além das ofertas extravagantes, He nunca procurou reclamar colónias e trazia apenas de volta a Pequim tributos humildes. Para Kissinger (2012), estas viagens monumentais criaram as condições ideais para os comerciantes chineses através de um exercício primordial de *soft power*.

²¹ “República Popular da China” é a designação oficial do país que hoje conhecemos como “China”.

²² “Hoje, duas montanhas repousam como peso morto nos ombros da nação chinesa. Uma é o imperialismo, a outra é o feudalismo. O Partido Comunista Chinês há muito que decidiu movê-las. Devemos perseverar e trabalhar incansavelmente e também nós tocaremos no coração de Deus” (Mao, 1977). Aqui, Mao, numa demonstração de fé no povo chinês, faz uma analogia entre o conto “*The Foolish Old Man Who Removed the Mountains*” e o papel excecional que a China deveria desempenhar no palco internacional.

Durante a segunda vaga de descolonização que varreu África entre as décadas de 50 e 70, a China apoiou uma série de movimentos de libertação e Estados recém-independentes, oferecendo assistência técnica, intercâmbios diplomáticos e culturais, bolsas de estudo e contribuições financeiras para projetos de infraestrutura (Mawdsley, 2008). Ainda que a maioria desses projetos fosse de dimensão modesta em comparação com a capacidade extraordinária de apoio chinês no século XXI, algumas obras como a linha de caminho-de-ferro TAZARA, aberta em 1976 e que liga a Zâmbia à Tanzânia na costa leste africana, ainda hoje motivam lembranças da amizade partilhada entre a China e o continente²³. Por outro lado, as relações comerciais entre os dois blocos, embora não fossem insignificantes, eram relativamente discretas. Ainda assim, segundo Mawdsley (2008), o apoio financeiro através de ajuda pública ao desenvolvimento era garantido em termos extremamente favoráveis ao recetor e, apesar da dimensão moderada, em 1984, a China era o sexto maior doador de ajuda em África (Bräutigam, 1998 apud Mawdsley, 2008)²⁴.

No campo diplomático, os votos de 26 países africanos foram instrumentais para que, em 1971, a República Popular da China ganhasse o lugar na Assembleia Geral e no Conselho de Segurança das Nações Unidas, removendo as forças nacionalistas que governavam Taiwan e que tinham sido derrotadas pela guerrilha maoísta na guerra civil (Rich & Banerjee, 2015). Em 1979, apenas 5 dos 50 países africanos reconheciam o governo dos herdeiros de Chiang Kai-shek (Taylor, 2009). No presente, somente o Eswatini reconhece Taiwan como um Estado soberano (World Population Review, 2024b). Ao longo dos anos, a Ilha Formosa perdeu não só a sua voz nas Nações Unidas, mas viu-se diplomaticamente abandonada como consequência evidente da eficácia do *soft power* chinês em África.

²³ Depois de ver rejeitado o pedido de financiamento para o projeto por governos ocidentais, em 1965, o então presidente da Tanzânia Julius Nyerere visitava a China. Ao receber o líder africano, Mao afirmava: “*Ajudar-vos-emos a construir este caminho de ferro, mesmo que tenhamos de renunciar a construir o nosso.*” O projeto foi concluído e a China disponibilizou milhares de trabalhadores e um empréstimo sem juros de 988 milhões de yuan. Hoje, a linha TAZARA continua a funcionar e é vista como um importante marco na luta pela promoção do desenvolvimento económico e social na região oriental de África. Para Mao, a China dava “*um maior contributo à Humanidade.*” Para Nyerere, os chineses tinham vindo “*como irmãos e irmãs, como amigos, como camaradas com uma luta comum.*” (China Daily, 2022).

²⁴ Bräutigam, D. (1998). “Chinese Aid in Africa”. In: *Chinese Aid and African Development. International Political Economy Series*, 33-60. Palgrave Macmillan, Londres.

4.2. O milagre chinês e a ascensão de um gigante adormecido

“It doesn't matter if a cat is black or white, as long as it catches mice.”

- Deng Xiaoping

A partir dos anos 80, à medida que o projeto de modernização da China exigia cada vez mais investimento direto estrangeiro (IDE) e assistência tecnológica, o continente africano deixou de estar no topo das preocupações de Pequim. Apesar da retórica sobre a urgência da cooperação Sul-Sul continuar, a verdade é que à China importava agora estimular relações com países que pudessem beneficiar economicamente a nação asiática em progressão (Cloke, 2020). Num claro contraste com as exortações maoístas, a modernização socialista de Deng Xiaoping exigia uma aproximação à política internacional que não pregasse o conflito (Taylor, 1998). Consequentemente, as relações da China com os Estados Unidos, a Europa Ocidental e até o Japão tornaram-se uma prioridade na fórmula de política externa chinesa (Kissinger, 2012). Estimulado pelas medidas de Deng, o valor das exportações anunciado pela China aumentou de apenas um pouco menos de 10 mil milhões de dólares em 1978 para quase 50 mil milhões em 1988²⁵ (Cui, 2002). Os observadores estrangeiros, espantados com estas estatísticas oficiais, escreviam sobre um gigante adormecido que acordara após uma longa era de hibernação (Dikötter, 2022).

Apesar das duas partes manterem laços de amizade, com o PCC fixado no desenvolvimento económico catapultado pelas reformas de Deng, África era vista como inconsequente no grande esquema de Pequim (Cloke, 2020). Durante a “década perdida” do continente africano nos anos 80, os fluxos de exportações chinesas e de ajuda ao desenvolvimento em direção a África estagnaram (Shinn, 2019). Com a própria China a receber ajuda vinda do estrangeiro, o continente recebia cada vez menos ajuda da economia asiática (Taylor, 1998). Este desinteresse pragmático também se notou ao nível das visitas de Estado. Numa altura em que as relações diplomáticas da China se expandiam pelos quatro cantos do mundo, foram raras as visitas de líderes chineses a território africano (Shinn, 2019). África tinha deixado de servir como uma arena para a rivalidade entre os Estados Unidos e a União Soviética

²⁵ O Japão e os Estados Unidos eram os dois maiores mercados da China. Ambos desejavam conter a União Soviética e ambos atribuíram à China o estatuto de Nação Mais Favorecida, em 1978 e 1980, respetivamente (Dikötter, 2022).

e o PCC passou a adotar uma postura mais cautelosa para com os pedidos de ajuda das nações africanas, criticando até os erros de governação dos seus líderes²⁶ (Taylor, 1998).

Todavia, após a manifestação pró-democracia iniciada por estudantes universitários chineses e a resposta do governo em forma de massacre a 4 de junho de 1989, em plena Praça Celestial, a política externa chinesa sofreria outra reviravolta. Os tanques de guerra em Tiananmen abalaram profundamente as relações da China com o Ocidente e, pela primeira vez, as preocupações com os abusos dos direitos humanos em território chinês retumbaram fortemente pelo hemisfério ocidental (Shinn & Eisenman, 2012). A reação africana, no entanto, foi bem mais silenciosa e por vezes solidária²⁷. Vários governos africanos viram na importância dada pelo Ocidente aos direitos humanos um pretexto para sabotar o desenvolvimento da China e interferir no seu caminho de modernização²⁸. Após os eventos de 1989, o mundo em desenvolvimento voltava a ser elevado no quadro do pensamento chinês a pilar central da política externa de Pequim (Taylor, 1998).

4.3. A esperança africana e os ventos vermelhos

“The journey of a thousand miles begins with a cash advance.”

- Alton Brown

Desde o início do novo milénio, a China tem sido um ator particularmente vibrante na transformação da paisagem económica, diplomática e do desenvolvimento africano. Em 2000, a criação do Fórum de Cooperação China-África (FOCAC) constituiu o primeiro passo na institucionalização política do relacionamento entre a China e os países africanos (Cloke, 2020). O FOCAC, composto pela China, pelos 53 países africanos que estabeleceram relações diplomáticas com Pequim e pela Comissão da União Africana (UA)²⁹, foi concebido para emular as parcerias ocidentais com África, tal como ocorre com a Cimeira África-França, o Fórum Empresarial EUA-África, a Cimeira UE-África ou a Conferência Internacional de

²⁶ Tal atitude foi evidente no aviso de Deng Xiaoping ao vice-presidente da Tanzânia, quando o líder chinês advertiu o político africano, dizendo-lhe que “*socialismo não significa pobreza. Sem o desenvolvimento das forças produtivas e o melhoramento da qualidade de vida das pessoas, não podes afirmar que estás a construir socialismo*” (Taylor, 1998, p. 446).

²⁷ O ministro dos negócios estrangeiros angolano, por exemplo, declarou o seu apoio “*pelas ações resolutas para esmagar a rebelião contra-revolucionária*” (Taylor, 1998, p. 447).

²⁸ Este pensamento cristalizava-se no comentário do próprio Deng Xiaoping, que afirmou, em setembro de 1989, que “*há muitas pessoas no mundo que esperam que nos desenvolvamos, mas também há muitos que estão a tentar atingir-nos*” (Deng, 1994, p. 198).

²⁹ Sem surpresas, o Eswatini não está presente no grupo.

Tóquio sobre o Desenvolvimento em África (TICAD). As reuniões ministeriais acontecem trienalmente, alternando o local entre China e África (Taylor, 2010).

Entre 2006 e 2015, o FOCAC foi um motor na evolução substancial do envolvimento da China com o continente africano, possibilitando a mudança de uma relação fundamentalmente baseada no comércio para uma parceria multifacetada que abrange cultura³⁰, ajuda externa, investimento e financiamento para o desenvolvimento. Na cimeira FOCAC de 2006, o PCC comprometeu-se a “*duplicar a ajuda financeira da China para África e a fornecer empréstimos preferenciais significativos nos três anos seguintes*”, sinalizando a emergência da China como um doador proeminente no continente (Forum on China-Africa Cooperation, 2006). Noutra ótica, o estabelecimento do Fundo de Desenvolvimento China-África em 2007 facilitou ainda mais o aumento do investimento direto estrangeiro chinês, promovendo o desenvolvimento de zonas económicas e parques industriais por todo o continente africano (Ze Yu, 2022). Além disso, segundo o autor, o sonho da “Nova Rota da Seda” de Xi Jinping, iniciado em 2013, representou um passo significativo na expansão do papel chinês no quadro do desenvolvimento de infraestruturas em África. Desde cedo, Xi afirmava que “*na prossecução da Iniciativa, a China assegurar-se-á de que a partilha substituirá o afastamento entre nações, a aprendizagem mútua suplantará os confrontos e a coexistência permutará com o sentido de superioridade*” (Xi, 2017).

De 2015 a 2021, o FOCAC continuou a transformar-se, com a China a enfatizar parcerias políticas, culturais e sociais como pilares fundamentais do seu envolvimento com África. O presidente Xi articulou, em 2021, a visão de um “*Destino Comum China-África*”, sublinhando a importância do continente como uma esfera quintessencial da visão global da China e realçando sempre a relevância de “*manter a tradição de estarem sempre juntos*” e a “*importância em construírem uma Comunidade China-África*” (Xi, 2021). Este período assistiu ao estabelecimento de várias subcategorias de mecanismos de cooperação China-África, abrangendo setores como a saúde, o combate à pobreza, intercâmbios culturais e a Educação, refletindo a abordagem dilatada da China que articula uma diversidade de ferramentas do *soft power*. Além disso, o envolvimento político da China com África durante esta fase visou promover a sua narrativa de “desenvolvimento pela paz”, divergindo da ideia ocidental de que

³⁰ No terceiro ponto do seu discurso de abertura do FOCAC, em 2009, Hu Jintao declarava perante o então primeiro-ministro etíope, Meles Zenawi, que ambas as partes deveriam “*fortalecer as trocas culturais e as relações interpessoais para aumentar a compreensão mútua e a amizade entre os (...) dois povos, especialmente entre as gerações mais jovens*” e “*promover a cooperação e as trocas nas áreas da educação, ciência e tecnologia, cultura, saúde pública, desporto e turismo, para fornecer motivação intelectual e apoio cultural à cooperação entre a China e África.*”

a democracia é condição prévia para o progresso (Ze Yu, 2022). No discurso de abertura da 8ª Conferência Ministerial do FOCAC em 2021, Xi fez questão de realçar que *“a China e África, juntas, forjaram uma fraternidade inquebrável contra o imperialismo e o colonialismo e embarcaram num caminho de cooperação na sua jornada conjunta rumo ao desenvolvimento e à revitalização”* (Xi, 2021). Três anos antes, durante o seu discurso na conferência do FOCAC 2018 em Pequim, António Guterres, secretário-geral das Nações Unidas, louvava a forma como *“a China e África têm vindo a fortalecer a sua relação nos últimos anos, com um aumento da confiança mútua e intercâmbios a todos os níveis”* (UN News, 2018). Mais recentemente, no encontro do FOCAC em setembro de 2024, ficou estabelecido que a China irá implementar com África um “Plano de Cooperação em Educação Vocacional para o Futuro”, estabelecendo em conjunto uma academia de engenharia e 60 000 oportunidades de formação para mulheres e jovens africanos. O presidente chinês anunciou também que ambas as partes lançarão um *“Cultural Silk Road program”*, convidando mil profissionais africanos das áreas da cultura e do turismo para treino na China e declarando ainda a cooperação em vários programas de inovação na rádio e televisão³¹. Ficou também acordado que 2026 será o *“China-Africa Year of People-to-People Exchanges”* (Xi, 2024).

Para Ze Yu (2022), a evolução da natureza do FOCAC reflete a expansão estratégica da China em África, culminando na visão de um destino partilhado entre as duas partes. A trajetória de desenvolvimento de África tem sido pautada por esta parceria, tornando o continente numa força exógena formidável ao teste da “Sabedoria Chinesa” (中国智慧) de Xi³² e oferecendo uma via alternativa para a prosperidade nacional, paz e segurança - uma força desprovida de valores políticos ocidentais e que permite a África e à China *“escreverem um capítulo esplêndido de assistência (...) dando um exemplo brilhante para a construção de um novo tipo de relações internacionais”* (Xi, 2021).

³¹ A agência de notícias chinesa Xinhua tem a sua sede regional para o Corno de África em Adis Abeba.

³² O atual presidente chinês tem demonstrado uma dedicação absoluta à manutenção dos contactos pessoais com os líderes africanos. Durante as diversas cúpulas do FOCAC, Xi faz sempre questão de encontrar-se individualmente com vários líderes e de participar no máximo de eventos bilaterais e multilaterais. Mesmo durante a pandemia, o presidente Xi manteve contacto por telefone com os chefes de Estado africanos e até presidiu online à cimeira China-África extraordinária em solidariedade contra a COVID-19. Como o ex-presidente da Etiópia Mulatu Teshome afirmou em 2023, a China e a Etiópia *“respeitam-se mutuamente (...) são parceiros exemplares de desenvolvimento e países amigos”* (CGTN, 2023). Este respeito e a recusa absoluta de paternalismos também constituem uma vertente do *soft power* chinês. O ex-líder africano, que viveu uma década em Pequim enquanto estudante universitário, reconheceu ainda, na mesma entrevista, *“sinceridade, humildade, otimismo e visão”* no carácter de Xi Jinping.

Em consequência da aposta económica da China em África, desde há alguns anos que este país é o maior parceiro comercial do continente³³, com 262 mil milhões de dólares em 2023 quando, no ano 2000, ocupava a 8ª posição e quedava-se por uns meros 7 mil milhões de dólares³⁴. Cerca de 20% das exportações africanas vão para a China e 16% das suas importações provêm daquele país asiático³⁵. Por outro lado, ao nível do investimento direto, o fluxo passou de apenas 250 milhões de dólares em 2003 para 5 mil milhões em 2021, suplantando desde 2013 e em fluxo, mas não ainda em stock de IDE, os EUA³⁶. Finalmente, no que diz respeito a empréstimos, de um valor praticamente inexistente no início deste século saltou para 6 mil milhões de dólares em 2010 e, em 2016, atingiu o seu pico com 28 mil milhões com um destino sectorial predominantemente dirigido às infraestruturas. Deve-se, contudo, assinalar a tendência do seu decréscimo a partir daí (apenas 2 mil milhões de dólares em 2022) na esteira do que tem ocorrido com a generalidade dos principais parceiros económicos de África³⁷. De qualquer modo, o resultado é que a China é o principal credor bilateral do continente, isto é, a dívida externa daí resultante pesa sobremaneira em muitas das economias africanas e tal facto confere-lhe uma posição de vantagem económica e política nas relações com África.

Entre os “alvos” mais distintos da investida de charme, e não só, da China em África está a Etiópia, o caso de estudo desta dissertação e que, nos últimos anos, se tem revelado um estudante atento da teoria chinesa sobre desenvolvimento. No próximo capítulo, serão examinados o florescimento da relação especial entre Adis Abeba e Pequim e a exportação do *soft power* chinês para a Etiópia.

³³ A China tem sido, ao longo de vários anos, o principal parceiro comercial de África, sendo atualmente o maior parceiro de 29 países africanos, incluindo as três maiores economias do continente - Nigéria, África do Sul e Egito. Esta tendência representa uma alteração significativa face a duas décadas atrás, altura em que a China era o principal parceiro comercial de apenas dois países africanos. Em 2020, os Estados Unidos não ocupavam a posição de principal parceiro comercial em nenhum país africano (SAIS China-Africa Research Initiative, 2024).

³⁴ <https://www.sais-cari.org/data-china-africa-trade>, acesso em 25 de setembro de 2024.

³⁵ <https://www.weforum.org/agenda/2024/06/why-strong-regional-value-chains-will-be-vital-to-the-next-chapter-of-china-and-africas-economic-relationship/>, acesso em 25 de setembro de 2024.

³⁶ <https://www.sais-cari.org/chinese-investment-in-africa>, acesso em 25 de setembro de 2024.

³⁷ <https://lucid-cari.squarespace.com/data-chinese-loans-to-africa>, acesso em 25 de setembro de 2024.

V. SEDUÇÃO PRAGMÁTICA DA ETIÓPIA: UM CASO DE ESTUDO PARA ENTENDER O *SOFT POWER* CHINÊS EM ÁFRICA

“China is a second home for me.”

- Mulatu Teshome, ex-presidente da Etiópia

Desde meados do século XX, a China e a Etiópia têm gradualmente forjado laços mais profundos. Para ambas as partes, o estabelecimento desta relação é motivado tanto por considerações diplomáticas, estratégicas e até ideológicas como puramente económicas (Tesfaye, 2020). Tais ambições transformaram o país africano num caso ideal para compreender a expansão da indústria chinesa de *soft power*, de tal forma que, para vários órgãos de comunicação social chineses e governantes etíopes, a dinâmica entre as duas nações serve mesmo como “modelo” da cooperação Sul-Sul (Repnikova, 2022b). A relação é característica das ligações especiais, contudo assimétricas, que Pequim procura criar com países do Sul Global que são estrategicamente importantes, mas economicamente atrasados, e ilustra também a atração que o “Modelo Chinês” suscita em África e um pouco por todo o mundo abaixo da Linha de Brandt³⁸. Desta forma, a fim de melhor compreender a ação do *soft power* chinês na Etiópia, este capítulo está organizado em três partes: 1) uma breve análise do historial das relações sino-etíopes e das particularidades da Etiópia no contexto dos interesses chineses, 2) um balanço sobre o investimento económico e a ajuda ao desenvolvimento fornecidos pela China à nação africana e 3) um exame ao papel dos ICs na indústria cultural chinesa no país em estudo.

³⁸ A Linha de Brandt simboliza a dicotomia entre Norte e Sul Global. Trata-se de uma representação geográfica que divide o mundo em duas grandes áreas: os países mais desenvolvidos, localizados a norte da linha, e os países em desenvolvimento, situados a sul.

5.1. O florescer da amizade sino-etíope

Embora ambos os povos encontrem as suas raízes nas profundezas da História³⁹, foi em 1970 que se marcou o início formal da relação entre os líderes da China e da Etiópia. Anos antes, em 1964, o encontro entre o primeiro-ministro chinês Zhou Enlai e o imperador da Etiópia, Haile Selassie I, lançava as bases da futura cooperação. Desde então, o estreitar de relações entre os dois países tornou-se cada vez mais uma prioridade dos dois Estados. Considerando o princípio de “igualdade e benefício mútuo” na política externa dos dois países, a China e a Etiópia têm, desde a década de 1970 do século passado, estimado a política de não interferência nos assuntos internos, procurado a cooperação económica e estabelecido relações resistentes (Bayu, 2022). A deposição do imperador Haile Selassie, em 1974, e a vitória de um regime socialista, provocaram, paradoxalmente, algum distanciamento nas relações entre a capital etíope e Pequim. Porém, o triunfo da Frente Democrática Revolucionária do Povo Etíope (EPRDF), nas eleições em 1995, levou ao poder Meles Zenawi, que traçou um novo rumo político e económico para o país, aproximando-se, logo desde início, da China mediante a assinatura de vários acordos de cooperação económica e tecnológica (Bayu, 2022).

A parceria entre o colosso asiático e a Etiópia cresceu desde então, permitindo que a influência chinesa na região fosse cada vez maior em detrimento da influência das potências ocidentais. Para Cabestan (2012, p. 62) *“é inegável que a China e a Etiópia têm construído, desde 1995, (...) uma forte parceria diplomática e política. Espera-se que essa parceria seja duradoura, contribuindo diretamente para o enfraquecimento da influência de outras potências ativas no Corno da África tais como os Estados Unidos, a União Europeia e o Japão, além de inibir o crescimento das ambições de países emergentes para com a região, tais como a Índia.”* A criação da *Joint Ethiopia-China Commission* (JECC), em 1998, foi um marco importante na promoção do comércio e da cooperação económica entre os dois países. Neste espaço de diálogo, são negociados acordos e analisadas áreas de interesse mútuo que permitem e facilitam a troca de experiências entre os dois países.

³⁹ A China e a Etiópia são dos países mais antigos do mundo. Com menções na Bíblia, na “Ilíada” e na “Odisseia”, a Etiópia, herdeira do Reino de Axum e do Império Etíope, sempre esteve nas encruzilhadas da Humanidade. É um dos locais da existência humana mais inveterados no globo e casa de descobertas intemporais como o famoso fóssil “Lucy”. Além da Libéria, a Etiópia é o único país africano que nunca foi colonizado, tendo resistido às divisões a régua e esquadro das potências europeias na Conferência de Berlim, chegando a integrar a Liga das Nações décadas mais tarde. A resistência bem sucedida do país contra a tentativa de ocupação italiana inspirou vários líderes africanos. Kwame Nkrumah, primeiro presidente do Gana, incorporou o esquema tricolor da bandeira da Etiópia na da sua nação em 1957. Posteriormente, foram várias outras as bandeiras das então recém independentes nações africanas que nasceram do verde, amarelo e vermelho etíope.

Segundo Shinn e Eisenman (2005), o Corno de África tornou-se uma região cada vez mais importante para a China e a criação do FOCAC marcou o início do processo de revitalização e fortalecimento da relação sino-africana. A aproximação entre Adis Abeba e Pequim reforçou-se, então, não só com as quatro visitas de Meles Zenawi⁴⁰ à China (1995, 2004, 2006 e 2011), mas também com a presença do ex-primeiro-ministro chinês Wen Jiabao na segunda sessão do FOCAC, na capital etíope, em 2003, ou ainda com as visitas recíprocas de outras individualidades cimeiras de um e outro país, tanto no plano diplomático⁴¹ como económico, militar e cultural (Rapanyane, 2020).

Aparentemente, o “Teto de África”⁴², do ponto de vista económico, nada tem a oferecer à China: não é rica em matérias-primas, não tem recursos minerais conhecidos e explorados como Angola, por exemplo, e a pobreza do país é bem conhecida no mundo. Em 2012, ocupava a 157ª posição, entre 169 países, no Índice de Desenvolvimento Humano da ONU e o relatório de 2024 posiciona ainda pior a Etiópia na 176ª posição, entre 193 países (UNDP, 2024). A Etiópia também é apontada como um dos países onde a incidência de conflitos armados aumentou na sequência da derrota do Estado Islâmico, tanto no Iraque como na República Árabe da Síria, o que obrigou estes grupos a deslocarem os seus esforços para África (UNDP, 2022). Mais recentemente, as crescentes tensões entre o primeiro-ministro etíope e a Frente de Libertação Popular do Tigré (TPLF), que foi afastada do poder quando Abiy Ahmed assumiu o cargo, estalaram num violento conflito armado (2020-2022) que ceifou 600 mil vidas (Pilling & Schipani, 2023). A guerra civil rapidamente envolveu não apenas as forças etíopes e o TPLF, mas também a Eritreia, que apoiou Adis Abeba em virtude da sua hostilidade comum face ao TPLF.

Tesfaye (2020) defende que os interesses de Pequim num dos países mais populosos do continente africano⁴³ são sobretudo diplomáticos, estratégicos e até ideológicos. Dada a sua posição geográfica determinante em África, a China elevou claramente a Etiópia a um estatuto de parceiro privilegiado (Cabestan, 2012). Qualquer parceria económica com a Etiópia é, para o governo chinês, um meio para alcançar objetivos políticos à escala regional e continental,

⁴⁰ Na cimeira do FOCAC em 2006, Meles Zenawi, cuja admiração pelo percurso de desenvolvimento da China era evidente, afirmava que “*Chinese transformation disproved the pessimistic attitude that ‘if you are poor once, you are likely to be poor forever’*” (Dynamic, 2018).

⁴¹ Importa referir que o facto de o ministro dos Negócios Estrangeiros chinês escolher visitar, em primeiro lugar, a cada início de ano desde 1991, um país africano (Green, 2023), pouco tem de simbólico e causa uma grande impressão entre os líderes do continente.

⁴² O Planalto Etíope constitui a maior área contínua de elevada altitude em todo o continente. O país é conhecido como o “Teto da África” pela sua altura e grande área.

⁴³ Segundo dados do Banco Mundial, a Etiópia é o segundo país mais populoso do continente africano com cerca de 126.5 milhões de habitantes em 2023 (World Bank, 2024b).

com uma receptividade dos líderes etíopes que manifestam frequentemente um veemente interesse em consolidar qualquer associação com a potência asiática. Além do mais, Adis Abeba é a sede da União Africana⁴⁴ e da Comissão Económica das Nações Unidas para a África (CEA). Do ponto de vista de Pequim, a capital etíope constitui, portanto, uma plataforma de lançamento regional valiosa.

O começo do novo milénio foi marcado por uma “*parceria estratégica*” entre os dois governos, onde além do desejo, por parte da Etiópia, de ambiciosos projetos de desenvolvimento e redução da pobreza, houve também o interesse de ver Pequim “*compartilhar as suas experiências económicas, fornecer assistência técnica e oferecer apoio diplomático*” (Cabestan, 2012, p. 54). Para os etíopes a relação com a China “*favorece diretamente o desenvolvimento económico, diversifica as suas fontes de financiamento e amplia a sua margem de manobra em negociações frequentemente difíceis com os seus doadores tradicionais*” (Cabestan, 2012, p. 62). Assim, como argumenta Adem (2016), a Etiópia integra o conjunto de países designados como “sino-otimistas” e a razão fundamental para tal classificação reside no potencial de modernização económica que os investimentos sínicos proporcionam. Como o autor aponta, a abordagem chinesa traz “*projetos que têm benefícios tangíveis e instantâneos (...) dando ao cidadão comum um poder de escolha concreto: a liberdade positiva*”⁴⁵ (Adem, 2016, p. 9).

Na entrada para 2024, durante um simpósio sobre a *Belt and Road Initiative* (BRI), Gebeyehu Ganga, diretor-geral dos Assuntos do Médio Oriente, Ásia e Pacífico no Ministério dos Negócios Estrangeiros da Etiópia, reiterava a importância de “*fomentar uma amizade*”⁴⁶ *duradoura entre as (...) duas nações*”. Para Yalew e Changgang (2020), a Etiópia é pioneira na cooperação China-África, servindo como um centro de conexão vital no continente e um parceiro fiel da China na promoção da colaboração através de plataformas e iniciativas comuns,

⁴⁴ O próprio edifício imponente da UA de 200 milhões de dólares foi construído pela China e oferecido como presente à organização em 2012. Numa cerimónia que contou com diversos líderes africanos, uma enorme chave dourada para o mais alto edifício de Adis Abeba foi entregue. Para Jia Qinglin, o então conselheiro político mais sénior da China, o complexo “*testemunha a nossa forte determinação em apoiar o desenvolvimento africano*” e, para Teodoro Obiang Nguema, na altura presidente da Comissão da UA, a obra “*é o reflexo de uma nova África*” (BBC, 2012).

⁴⁵ Uma observação de um ex-presidente do *Export-Import Bank of China* articula esta visão: “*roads and radios are more urgent needs for Africans than human rights and freedom*” (Reuters, 2018).

⁴⁶ Na fase mais negra da pandemia para a China, por exemplo, o atual primeiro-ministro etíope, Abiy Ahmed Ali escreveu duas cartas ao presidente chinês para demonstrar o seu apoio. Foi também o primeiro líder africano a conversar por telefone com Xi, vincando como a China está sempre presente quando a Etiópia enfrenta sérias dificuldades. Durante o combate contra o vírus que abalou o mundo, os “*países irmãos*” e amigos mantiveram o contacto frequente. Quando centenas de estudantes etíopes ficaram presos na China devido ao fechar de fronteiras, o próprio presidente Xi ligou a Abiy Ahmed, prometendo que as autoridades chinesas fariam o seu melhor para cuidar dos estudantes etíopes (Song & Gebrehiwot, 2020).

como o FOCAC. Hoje, em plena Praça da Amizade⁴⁷, são muitos aqueles que tiram fotos em frente a um enorme monumento com a clara indicação a vermelho “*China Aid*”, um dos inúmeros marcos do sino-otimismo etíope.

Os novos e extremos desafios que a pandemia do COVID-19 disseminou à escala global impeliram o Partido Comunista Chinês (PCC) a integrar a distribuição de vacinas, máscaras e assistência técnica a outros países na sua estratégia de *soft power*, em parte para contrariar as perceções internacionais de uma fraca gestão interna da crise sanitária (Chipaike et al., 2023). Em 2021, a China emergiu como um dos principais fornecedores de vacinas em países de baixo rendimento, quer através de doações, quer por entregas comerciais. Como Lee (2023) realça, os destinos dessas doações foram consistentes com os esforços de diplomacia pública de Pequim, concentrando-se na Ásia, América Latina e África. Só à Etiópia a China doou 13,6 milhões de doses. A nação africana não comprou quaisquer vacinas a Pequim e dependeu exclusivamente de doações. Os restantes donativos chineses ao continente ocorreram numa escala inferior, com um valor mediano de 400 000 doses por país (Blablová, 2022).

5.2. Do Yangtzé ao Nilo – o renascimento económico etíope

Uma das estratégias mais relevantes para promover uma imagem positiva da China além-fronteiras é o investimento em infraestrutura (Lahtinen, 2018). Esse é precisamente o principal tipo de apoio que a China destina à Etiópia: subsídios e empréstimos voltados para a implementação de projetos ligados ao setor energético, aos transportes, às Tecnologias de Informação e Comunicação e à indústria. Sobre este último sector em particular, há um crescendo de investimentos privados chineses e apoio aos parques industriais. Tais obras são um dos principais motores para o desenvolvimento da região e a Etiópia destaca sempre a

⁴⁷ A Praça da Amizade fez jus ao nome Adis Abeba, que significa “*nova flor*” na língua oficial de trabalho da Etiópia, o amárico. O complexo milionário construído pela *China Communications Construction Company* (CCCC) é um paraíso verdejante no coração da capital etíope. Com um lago artificial, uma praça para dezenas de milhares de pessoas, restaurantes e áreas de exercício, a avenida recreativa de 30 hectares terá ainda no futuro um Palácio de Ciência e Tecnologia, um jardim de casamentos e um parque infantil. A obra transformou o centro da cidade e espantou os habitantes, caso de Nuru, que exclamou perante a agência Xinhua (2021b): “isto é muito bonito. Só vi coisas tão belas assim no Dubai, não esperava que fosse assim”. Por outro lado, Fikre, um trabalhador etíope que participou no processo de construção, afirmou que “os chineses ensinaram através deste projeto uma boa ética de trabalho, a importância de prestar a devida atenção ao trabalho e a importância da pontualidade.”

importância das estratégias de investimento e de ajuda externa da China como condição para a autonomia do seu próprio caminho de desenvolvimento⁴⁸.

A nação asiática apresenta-se nesta e noutras regiões de África como a principal parceira do desenvolvimento e como um país sem passado colonial (Lahtinen, 2018). Enquanto o Ocidente aplica um modelo de desenvolvimento uniforme, o modelo chinês é maleável e adapta-se aos diferentes contextos sem qualquer abordagem paternalista (Murphy, 2022). Como o atual primeiro-ministro etíope, laureado com o Prémio Nobel da Paz em 2019, destacou durante o *II Belt and Road Forum for International Cooperation* em 2019, num mundo com “uma tendência crescente de protecionismo e unilateralismo, a ação da China através da BRI simboliza um esforço sábio e progressista para construir uma ordem internacional mais justa e equitativa” (Ahmed, 2019a). O líder africano repetidamente reitera que a Etiópia é “uma parceira agradecida e beneficiária da BRI” e considera a China “um amigo confiável no decorrer da (...) agenda de desenvolvimento e reforma nacional” (Ahmed, 2019a). Para Lynch (2023), a BRI revela claramente que a China é o único país com uma estratégia global definida para o comércio e desenvolvimento. Segundo o autor, a mega iniciativa asiática constitui um capítulo crucial no reforço do *soft power* chinês na África Oriental, especialmente porque é através dela que muitas nações obtêm o financiamento necessário para projetos de infraestruturas adequadas e indispensáveis ao progresso.

De acordo com o *Boston University Global Development Policy Center* (2023), entre 2009 e 2018, a China investiu 8,2 mil milhões de dólares em projetos só na Etiópia, pese embora, por exemplo, em 2022, o país não esteja no top 5 do destino do IDE chinês para África⁴⁹. Estes investimentos abrangeram a construção de infraestruturas rodoviárias e ferroviárias, o desenvolvimento da indústria açucareira, a implementação de parques eólicos, a execução de projetos hidroelétricos e de abastecimento de água, bem como o setor das telecomunicações. Neste último, as multinacionais *Huawei Technologies Co. Ltd* e a *ZTE*,

⁴⁸ Um dos mais proeminentes projetos etíopes financiados pela China é, sem dúvida, a *Grand Ethiopian Renaissance Dam*, uma colossal barragem hidroelétrica construída com o apoio de Pequim, entre 2011 e 2023, que divide o rio Nilo. Para a população etíope, a nova barragem será vital para o melhoramento da qualidade de vida. A infraestrutura oferece à Etiópia um nível considerável de controlo sobre os recursos hídricos do Nilo, mas augura uma alteração permanente do equilíbrio de poder na África do Norte e Oriental. O ministro dos Negócios Estrangeiros egípcio, Sameh Shoukry, dirigiu-se mesmo ao Conselho de Segurança da ONU, em 2012, afirmando que o Egito “enfrenta uma ameaça existencial representada pela construção de uma entidade gigantesca na artéria que lhe dá vida” (Gorvett, 2021). Importa também referir aqui que, em 2024, a China acolheu o Egito e a Etiópia nos BRICS, sentando as duas nações à mesma mesa na organização intergovernamental, elevando os seus estatutos no palco geopolítico global e posicionando-se confortavelmente como mediador entre Adis Abeba e o Cairo.

⁴⁹ <https://lucid-cari.squarespace.com/chinese-investment-in-africa>, acesso em 25 de setembro de 2024.

ambas sediadas em Shenzhen, desempenharam um papel preponderante, estabelecendo uma posição dominante no mercado etíope.

Para o atual primeiro-ministro etíope, *"projetos como a linha de ferro Adis Abeba - Djibouti"*⁵⁰, parte da BRI, são essenciais para o progresso económico e a prosperidade dos dois países." Mas, para a Etiópia, *"são mais do que isso. São investimentos em relações mais estreitas entre amigos; são investimentos em paz. Ao permitir-nos comercializar juntos, estes projetos fazem de cada um de nós um participante na paz e prosperidade do outro"* (Ahmed, 2019b). O executivo etíope assume claramente o interesse do país em *"convidar capital privado para empresas públicas como telecomunicações, transporte marítimo e logístico, transporte rodoviário ou ferroviário e energia"*, incentivando *"mais empresas chinesas a participarem com investimentos em empresas estatais que atuam nesses setores"* (Ahmed, 2019a). Também o ministro dos Negócios Estrangeiros da Etiópia, Taye Atske Selassie, expôs perante o seu homólogo chinês, Wang Yi, em junho de 2024, que *"a China é a maior fonte de investimento estrangeiro (...) da Etiópia, que a cooperação bilateral promoveu fortemente o desenvolvimento económico e social da Etiópia"*, e que o país *"está sempre disposto a aprender com a experiência de desenvolvimento da China"* (Xinhua, 2024d).

Inspirado no caminho chinês de desenvolvimento, o governo etíope tem apostado fortemente na construção de parques industriais como catalisadores da industrialização na Etiópia. Projetos como o Parque Industrial Hawassa, construído pela *China Civil Engineering Construction Corporation*, em 2016, com um custo de 250 milhões de dólares, destacam a posição da Etiópia enquanto um dos principais eixos da BRI no continente africano. Segundo a *Industrial Parks Development Corporation* da Etiópia, existem hoje 11 parques industriais de grande dimensão no país que têm vindo a acelerar substancialmente o processo de industrialização e criação de emprego. Para Bharti (2023), a China está a concretizar a aspiração da Etiópia de se tornar um polo industrial em África e o interesse chinês no contexto do comércio no continente africano ultrapassa o de qualquer outra potência económica do globo. Atualmente, os principais credores da Etiópia são instituições financeiras de desenvolvimento como o *China Development Bank*, que se tornou no principal veículo do investimento chinês no continente africano, o *Export-Import Bank of China*, a *China International Development Cooperation Agency* e o *Industrial and Commercial Bank of China* (Boston University Global

⁵⁰ Cerca de 90% das trocas comerciais da Etiópia, um país sem costa marítima, passam pelo Djibouti (Ehizuelen & Abdi, 2018). A ligação Adis Abeba - Djibouti veio conectar a capital etíope ao mar, no porto de Doraleh, parcialmente detido pela China e que dá acesso a uma das principais vias de comércio global. Foi também no Djibouti que a China inaugurou a sua primeira base militar no estrangeiro.

Development Policy Center, 2022). A ambição do governo etíope em tornar-se um gigante regional no setor da manufatura tem sido suportada pela vontade e empenho chineses e a China espera que a Etiópia seja um país à beira da transformação. O crescimento económico médio foi de 10,9% ao ano entre 2003/04 e 2013/2014, em comparação com a média regional da África Subsaariana de 5,4% (World Bank, 2015). E em 2022/23, já após o surto pandémico que desacelerou a economia mundial e o conflito interno que arrasou o norte do país, a economia etíope cresceu 7.1% (African Development Bank Group, 2024). Com o apoio de Pequim, Adis Abeba pretende agora elevar a Etiópia de um país de baixo rendimento para o escalão do rendimento médio-inferior já em 2025 (UNDP, 2022).

Hoje, são milhares os camiões a circular em a trinta e sete quilómetros a sul de Adis Abeba, na *Eastern Industrial Zone* (EIZ), construída e operada por diversas empresas chinesas. Localizada na outrora pacata cidade de Dukem, a EIZ terá criado cerca de 22 mil empregos para cidadãos etíopes e é vista por ambas as capitais como um dos vários casos de sucesso da cooperação sino-etíope (New Business, 2022). O sucesso ou insucesso das Zonas Económicas Especiais (ZEEs) existentes em África, bem como os métodos gerados pelos vários projetos, são cruciais para as discussões sobre o desenvolvimento africano e o papel que a China pode ou não desempenhar⁵¹ (Giannecchini & Taylor, 2018). Segundo os autores, o esquema das ZEEs é uma componente central do FOCAC e é saudado como uma forma concreta através da qual Pequim pode mostrar as vantagens do seu modelo de desenvolvimento na Etiópia.

De acordo com Bharti (2023), os orçamentos iniciais atrativos de projetos, as condições de financiamento vantajosas e a rapidez na execução dos mesmos explicam as preferências do governo etíope pelas empresas chinesas. Por outro lado, a mão de obra jovem⁵² e barata disponível e com facilidade de adaptação é um dos argumentos do governo etíope para a captação do investimento externo na Etiópia. Entre 2003 e 2022, o valor total acumulado dos investimentos diretos da China na Etiópia passou de 4,78 milhões para mais de 2,6 mil milhões de dólares⁵³ (SAIS China-Africa Research Initiative, 2024). Todavia, alguns autores destacam as “armadilhas” ligadas às condições atraentes estabelecidas por Pequim na ajuda ao desenvolvimento. Para Chellaney (2017), os projetos integrantes da BRI, além de beneficiarem diretamente as empresas chinesas, mascaram a acumulação progressiva da dívida africana ao

⁵¹ Em 2015, por exemplo, a China organizou uma conferência internacional intitulada “*Industrial Parks and Globalization: Experience Sharing Between China and Africa*”, com o intuito de debater o papel de tais empreendimentos no processo de desenvolvimento africano.

⁵² Segundo dados do UNDP (2022), entre 2 e 3 milhões de jovens etíopes entram no mercado de trabalho todos os anos.

⁵³ Apenas a República Democrática do Congo e a África do Sul contam com valores superiores em África.

longo do tempo, levando os países a confrontarem-se com níveis onerosos de endividamento. O corolário inevitável desta aparente “*debt-trap diplomacy*” é a cedência de ativos estratégicos e concessões geopolíticas em troca da redução da dívida. Tarrósy (2020) também reconhece as contrapartidas associadas ao apoio chinês, mas destaca a importância vital dessa ajuda para o desenvolvimento de infraestruturas urgentes na Etiópia. O autor aponta ainda que, assim como nos acordos com atores ocidentais, com os desafios associados à dívida também podem surgir numerosos benefícios, e o governo de Abiy Ahmed tem trabalhado no sentido “*de superar as vulnerabilidades subjacentes à renegociação confiante de melhores condições e acordos com a China*” (Tarrósy, 2020, p. 20).

Ainda que perquirir os efeitos da alentada ofensiva de charme chinesa nos corações etíopes seja uma tarefa dedálea, parece que a Etiópia é um país entusiasmado com o modelo de desenvolvimento chinês, desde as elites políticas e intelectuais à população em geral. Através de uma análise da “*Global Attitudes Survey 2015*”, conduzida pelo *Pew Research Center*, percebe-se que a população etíope tinha consciência plena da ajuda estrangeira que recebe e considera que o país necessita mesmo desse auxílio. Na Etiópia, mais de 7 em cada 10 pessoas tinham uma visão favorável das ações de Pequim e 64% afirmava que o governo chinês respeitava as liberdades individuais (Pew Research Center, 2015).

Porém, a história que a China tem para contar na Etiópia vai muito além dos avultados investimentos que têm alterado significativamente a paisagem socioeconómica etíope. O outro foco da projeção do *soft power* chinês no país africano invoca o nome de Confúcio enquanto figura maior da filosofia chinesa e elo entre duas nações amigas, outrora impérios distantes.

5.3. Ecos celestiais – a irradiação dos ICs na Etiópia

A par do desenvolvimento económico, os líderes da China consideram a cultura como “*a mais importante fonte de soft power*” (Wang, 2011, p. 25). A narrativa cultural chinesa é testemunho de uma civilização que atravessou milénios com uma elegância ímpar. No seu cerne, perdura um profundo respeito pelo passado, entrelaçado com uma visão audaciosa do futuro, criando um discurso que não só preserva, mas igualmente reinventa e enriquece o presente. Hoje, Pequim visa cultivar no palco internacional um sentimento de “destino partilhado”, promovendo ao mesmo tempo o reconhecimento e a valorização da sua cultura. Este esforço procura não só afirmar a beleza e singularidade da identidade chinesa, mas também estabelecer uma rede de intercâmbio cultural que sublinha a interdependência e a importância

da herança civilizacional única da China no quadro das Relações Internacionais. No contexto africano e, mais concretamente, etíope, este esforço de diplomacia cultural para sublimar a imagem internacional do país baseia-se sobretudo no investimento nos Institutos Confúcio (ICs) e nas Salas de Aula Confúcio⁵⁴.

Pode traçar-se um paralelo entre os ICs e as instituições culturais ocidentais, como o *Institut Français*, da França, ou o *British Council*, do Reino Unido, que já funcionam em África desde o início do século passado. Mas, apesar de ter entrado em cena quase uma centúria depois, a aposta da China tem-se expandido e não encontra semelhante (Keimetswe, 2021). Dados de 2021 mostram que, nesse ano, existiam 61 ICs e 48 Salas de Aula Confúcio em África e foram já 16 os países africanos, incluindo a Etiópia, que introduziram a língua chinesa⁵⁵ nos seus sistemas nacionais de educação (State Council Information Office of the People's Republic of China, 2021). No ensino superior, a China já cooperou com mais de 30 universidades africanas na criação de departamentos de mandarim ou cursos de graduação na língua asiática.⁵⁶

Apesar dos números avassaladores, os ICs não deixam de ser uma iniciativa relativamente recente e Siow (2011 apud Hartig, 2012, p. 58)⁵⁷ chama a atenção para o facto de vários ICs serem descritos como apenas “*uma sala com uma placa e sem programa*”. Segundo o autor, há uma diferença substancial em termos de pessoal, instalações e equipamento entre alguns ICs e iniciativas como, por exemplo, o *Goethe Institute*, da Alemanha. Todavia, como Repnikova (2022b)⁵⁸ defende, grande parte dos alunos dos ICs admira a cultura chinesa e demonstra curiosidade em compreender como a China conseguiu preservar o seu mosaico deslumbrante de sabedoria ancestral e tradição viva na sua luta contra a marcha do tempo. O entusiasmo de estudantes de vários pontos do Sul Global em aprender o mandarim também é evidente, já que o reconhecem como a língua do futuro (MacDonald, 2018).

Todos os ICs e Salas de Aula Confúcio estão ligados à Universidade de Tecnologia e Educação de Tianjin, à *Chinese International Education Foundation* (CIEF) e ao *Center for*

⁵⁴ A principal diferença entre uma Sala de Aula Confúcio e um IC está na escala e na estrutura das operações. A primeira é uma extensão do IC e funciona sob a sua supervisão, normalmente em escolas. O IC é integrado em universidades ou centros de pesquisa e a sua oferta educacional vai bem mais além das aulas de mandarim e atividades culturais básicas oferecidas pela Sala de Aula Confúcio.

⁵⁵ Quando é mencionada “língua chinesa”, considera-se o mandarim (現代標準漢語), o único dialeto oficial do Estado chinês.

⁵⁶ Um dos vários exemplos é a licenciatura em mandarim oferecida pela Faculdade de Ciências Sociais e Línguas da Universidade de Mekelle, na Etiópia.

⁵⁷ Siow, M. W.-S. (2011). “China's Confucius institutes: Crossing the river by feeling the stones”. *Asia Pacific Bulletin*, (91), 1–2.

⁵⁸ Todas as considerações tecidas pela autora na obra “*Rethinking China's Soft Power: “Pragmatic Enticement” of Confucius Institutes in Ethiopia*” tiveram por base informações recolhidas em 64 entrevistas conduzidas na Etiópia e na China, entre 2018 e 2019, a diretores e voluntários chineses, reitores etíopes, estudantes dos ICs e ex-alunos já inseridos no mercado de trabalho como tradutores.

Language Education and Cooperation (CLEC), criado em 2020 pelo Ministério da Educação da China. Este último é responsável por promover a língua e a cultura chinesas em todo o mundo, superintender os ICs e coordenar as iniciativas de educação, cooperação linguística e intercâmbio cultural a nível global. Atualmente, a Etiópia tem dois ICs mencionados na rede global da CIEF e várias Salas de Aula Confúcio: os ICs na Universidade de Adis Abeba e no *Ethio-China Polytechnic College*⁵⁹ e as Salas de Aula Confúcio nas universidades de Mekelle, Hawassa, Bahir Dar, Arsi and Jimma (Repnikova, 2022b).

No entanto, Repnikova (2022b, p. 440) também reconhece que os ICs são “*o mais controverso elemento do soft power chinês*”, uma vez que a intervenção direta do PCC nas iniciativas culturais e educacionais gera dúvidas sobre a autonomia dos institutos, a liberdade académica e a autenticidade dos intercâmbios em vários países. Para Lahtinen⁶⁰ (2018, p. 64), “*a cultura chinesa exibida nos Institutos Confúcio é mal comunicada devido à orientação política do governo*” e existe uma “*diferença entre como a China quer ser vista e como ela é vista*” (2018, p. 65). Segundo a autora, o sucesso do *soft power* chinês em África está ainda maioritariamente reconhecido nas atividades económicas e os resultados esperados pelo governo de Pequim para a exportação cultural ainda não são os desejados. Acrescenta ainda que “*em África (...) o pensamento chinês não ressoa com a lógica africana*” e “*a cultura chinesa e os seus valores não superam nem competem com a rica herança cultural africana*” (Lahtinen, 2018, p. 53). Cabestan (2023) aponta também sérias limitações ao *soft power* cultural chinês no continente, defendendo que a China é mais influente entre os governos africanos do que nas sociedades. Mas, ao caracterizarem os ICs como uma entidade quase luciferina e invasora, como é frequente, as reflexões limitadas da bibliografia ocidental ignoram os sucessos obtidos pela iniciativa, demonstrando, visivelmente, um desconhecimento da realidade africana, um medo político desmedido em relação à rede cultural chinesa e uma certa soberba, típica do sempre autocomplacente excepcionalismo ocidental. Na verdade, ainda que vários autores associem frequentemente o *soft power* chinês em África à doutrinação ideológica, Repnikova (2022a, p. 55) assinala que “*a importância da ideologia e dos valores políticos é mais pronunciada no caso dos Estados Unidos*⁶¹”.

⁵⁹ O *campus* foi construído pelo governo chinês, com um investimento de 14 milhões de dólares, e entregue ao executivo etíope em 2007. Dois anos mais tarde, 370 alunos, que posteriormente conseguiram estágios em empresas chinesas locais, estavam a aprender mandarim no politécnico (Zheng & Xia, 2015).

⁶⁰ Anja Lahtinen foi, entre 2012 e 2014, diretora do IC da Universidade de Helsínquia.

⁶¹ A presença cultural dos EUA em África destaca-se nos *American Corners*. São geridos pelas embaixadas e oferecem programação contínua sobre educação, tecnologia e cultura americana. Estão em bibliotecas nas cidades e não em universidades. Existem 6 na Etiópia (U.S. Embassy in Ethiopia, 2024).

Ao contrário do que acontece em países como os EUA, os ICs e as Salas Confúcio têm sido, até agora, relativamente bem sucedidos na Etiópia, especialmente porque encarnam uma fusão de benefícios tangíveis com a promoção da língua e da cultura chinesas (Li, 2021). Repnikova (2022, p. 458) fala de uma “*natureza prática do soft power chinês na Etiópia*”, onde os dirigentes dos ICs locais e os alunos aliam as oportunidades de emprego à sua admiração pela cultura sínica⁶². Através da frequência dos ICs, os jovens etíopes podem verdadeiramente moldar o seu destino e, por isso, as inscrições em cursos de língua chinesa continuam a crescer no país, em oposição às línguas europeias⁶³. Ainda assim, a autora salienta a preocupação de vários diretores de instituições educacionais etíopes com o possível excesso, a longo prazo, de falantes de mandarim.

Para os etíopes, a diplomacia cultural é um meio facilitador da cooperação económica e política e o atual primeiro-ministro etíope tem, por diversas vezes, reiterado a importância de “*fomentar interações entre povos e intercâmbios culturais*”⁶⁴ (Ahmed, 2019b), especialmente desde a inclusão, a partir de 1 de janeiro de 2024, da Etiópia nos BRICS e o consequente acesso às possibilidades de empréstimos da sua instituição financeira, o *New Development Bank*. Por sua vez, os ICs utilizam diversas estratégias para atrair os alunos. O mandarim, além de servir como chave para a compreensão dos pilares de uma das mais antigas civilizações humanas, é apresentado como a rota para alcançar a experiência única que é a China e o caminho para o mercado de trabalho chinês na Etiópia (Lee, 2022). Repnikova (2022b) adiciona que as universidades da Etiópia acolhem bem a cultura e a língua chinesas e, em troca da cedência de espaço, recebem de bom grado todo o financiamento da *Chinese International Education Foundation* (CIEF) para os ICs, destinado ao pagamento de salários e implementação de diversas atividades multidisciplinares⁶⁵. Além da possibilidade de alcançarem a proficiência em mandarim, os estudantes são expostos a um universo bem mais vasto da cultura chinesa que

⁶² É o caso de Fozia Ismael, que estudou no IC na principal universidade da capital etíope. A jovem africana diz ter “*estudado não só a língua chinesa, mas também a cultura (...) única e (...) impressionante*” (Xinhua, 2021b). A estudante atribuiu o seu interesse em estudar a língua asiática à sua curiosidade e às eventuais oportunidades lucrativas de emprego. Alguns ICs chegam mesmo a oferecer cursos de “*mandarin for business*”.

⁶³ Quando questionado sobre o motivo pelo qual as línguas europeias já não são populares, um trabalhador da Universidade de Adis Abeba respondeu: “*não há empregos!*” (Repnikova, 2022b, p. 454).

⁶⁴ Em 2024, a Universidade de Adis Abeba e a Universidade Chinesa de Estudos Estrangeiros acordaram na criação do Centro de Estudos Etíopes na universidade baseada em Pequim, que oferece um programa de língua amárica. No final de 2023, o reitor da universidade chinesa liderou uma delegação que visitou a Etiópia para explorar oportunidades de colaboração com a *China Civil Engineering Construction Corporation*, a *Ethiopia Construction Plc*, a Universidade de Adis Abeba, o Centro da UA para o Controlo e Prevenção de Doenças, o Gabinete do Vice-Primeiro-Ministro e Ministro dos Negócios Estrangeiros da Etiópia e a Divisão da Educação da UA (Beijing Foreign Studies University, 2024).

⁶⁵ Apesar das dificuldades de financiamento para muitos ICs, sobretudo nos anos trágicos da pandemia, os institutos na Etiópia mantiveram-se em funcionamento entre 2020 e 2022.

pode incluir exposições ligadas às 7 Artes, celebrações seculares do calendário chinês, colóquios sobre História e Economia chinesa, visitas a instituições e interações com as mais diversas delegações internacionais ou ainda a hipótese de estudarem durante um período de tempo em solo daquele país asiático com bolsas de estudo. “*Study in China with a scholarship*” ou “*Join a summer camp to visit China*” são alguns dos slogans mais publicitados pelos ICs (Repnikova, 2022b, p. 451).

As atividades promovidas pelo *Center for Language Education and Cooperation* (CLEC) procuram sempre a difusão harmoniosa da língua e da cultura chinesa e têm sido recebidas com grande regozijo e adesão na Etiópia. Um dos vários exemplos insígnies dessa missão é a “Ponte Chinesa”, um concurso de proficiência em mandarim para estudantes universitários que contou com uma edição em Adis Abeba, no verão de 2024. Dirigindo-se à sua audiência jovem durante a competição, o ministro de Estado da Educação da Etiópia, Kora Tushune, afirmou que “a criação do Instituto Confúcio na Universidade de Adis Abeba e a abertura de centros semelhantes em instituições de ensino superior do país criou pontes sociais e culturais e promoveu a diplomacia pública, a compreensão global e as relações interpessoais” (Xinhua, 2024c). Meio ano antes, na ocasião das comemorações do décimo aniversário do IC da Universidade de Adis Abeba⁶⁶, Tushune salientava as “contribuições positivas para promover a amizade entre a Etiópia e a China através do ensino de idiomas e do intercâmbio cultural” (Xinhua, 2023). Na segurança, também a língua de Confúcio serve como ponte, já que, para fazer face ao número crescente de chineses na Etiópia, o IC da Universidade de Adis Abeba lançou, em 2024, um curso de mandarim para agentes da polícia. Segundo Shen Qinmin, o chefe adjunto da representação da China no país, a iniciativa permitirá aos agentes da autoridade “prestar um melhor serviço à comunidade chinesa” (Xinhua, 2024a).

Apesar da clara prosperidade dos ICs e das Salas de Aula Confúcio na Etiópia, é difícil avaliar as verdadeiras motivações de ambos os lados. De acordo com a investigação de Repnikova (2022b), muitos dos professores chineses voluntários escolhem a Etiópia para melhorar o seu inglês e como forma de ganhar experiência, uma vez que as exigências profissionais são menores do que no hemisfério ocidental, e não mostram particular entusiasmo pelo país. Segundo a autora, ainda que o governo chinês enfatize o altruísmo e a solidariedade com as nações africanas, os professores chineses nos ICs tendem a ser atraídos pela hipótese de avanço na carreira e não pela perspectiva de construção de vínculos realmente profundos. Em

⁶⁶ Estabelecido em 2013, o IC da Universidade de Adis Abeba foi distinguido, em 2016, com o estatuto de Modelo Global (Xinhua, 2023).

contrapartida, muitos etíopes abraçam as oportunidades dos ICs porque acreditam num caminho profissional potenciado pelo domínio do mandarim.

Contudo, independentemente dos motivos por detrás da dedicação aos ICs e dos seus problemas, não restam incertezas consideráveis sobre a sedução pragmática da nação africana e o seu fascínio pela oferta cultural chinesa nos últimos anos que têm sido “*ricos e coloridos*” (Xi, 2017). Hoje, jovens etíopes, tal como muitos outros milhares pelo mundo fora, celebram o Ano Novo Lunar chinês nas suas Salas de Aula Confúcio, exploram uma caligrafia sem igual na História e tocam no coração de uma cultura vetusta lapidada pela caminhada das eras.

VI. CONCLUSÃO

Se Kissinger (2012, p. 13) estiver certo quando afirma que “*quase todos os impérios são criados pela força, mas nenhum pode sustentar-se através dela*”, a China tem procurado encontrar mecanismos para lá do *hard power* que ratifiquem essa ideia. Como se mostrou anteriormente, apesar do cunho ocidental, o conceito de *soft power* tem raízes profundas na tradição filosófica e política chinesa, nomeadamente com a filosofia de Confúcio. E Sun Tzu, na sua “*Arte de Guerra*”, pleiteava a conquista de exércitos inimigos pelo poder da atração da mente e das ideias em detrimento da consecução armada. Aliás, como foi exposto ao longo desta dissertação, talvez em mais nenhuma nação que tenha inscrito o seu nome no Grande Livro da História, a ideia de *soft power* foi tão engenhosamente debatida e assimilada como na China.

Hoje, o mundo, embora fundamentalmente distinto e visceralmente multipolar, dificilmente será mais benevolente do que o foi na Era do Império. E o século XXI, ainda que seja caracterizado por níveis de violência armada surpreendentes, não tolera explicações que requeiem o *soft power* para a categoria de conceitos académicos belos que falham quando aplicados à realidade impetuosa da política internacional. O contexto da geopolítica está longe da ideia de um mundo maniqueísta que tanto sucesso alcança na Academia e a China trouxe tons de cinzento nunca antes vistos para o xadrez global. Contudo, apesar da sua longevidade histórica e experiência *suis generis*, a atuação ativa da China na comunidade internacional é relativamente recente e balança sobre Pequim a “Espada de Dâmocles”⁶⁷. Apesar da atual intransigência do PCC em mudar “*a sua natureza, a sua convicção ou o seu caráter*” domesticamente (Xi, 2023), o que poderá ser um sério obstáculo à sua capacidade em atrair certas regiões do globo, a China tem demonstrado, desde o início da era Deng em 1978, flexibilidade e uma determinação inabalável no seu caminho rumo à prosperidade. Distante do paradigma ocidental, o futuro próximo da nação chinesa será ainda mais enredado do que o seu passado recente e as décadas vindouras adivinham-se cruciais para o estabelecimento do gigante oriental enquanto grande potência.

Uma constante neste caminho é a aproximação à Etiópia, um país central da experiência africana que parece ver com bons olhos a expansão do *soft power* chinês. Aqui, os factos analisados apontam aparentemente para uma receptividade da sociedade etíope com o projeto

⁶⁷ A “Espada de Dâmocles” simboliza o desafio permanente inerente a uma posição de autoridade, realçando que que, apesar das aparências de segurança e riqueza, aqueles que detêm poder estão sempre sujeitos a adversidades extraordinárias.

asiático. Respeitando as vicissitudes e realidades nacionais, a China apresenta-se como agente de modernização, reivindicando claramente um lugar de destaque na dialética do desenvolvimento global a partir do início do terceiro milénio e desafiando os antigos vetores europeus. Os valores chineses de “paz e harmonia”, “respeito pela virtude” e “harmonia sem suprimir as diferenças” chegam à Etiópia e parecem ser recebidos de bom grado. Isso acontece mormente devido ao empenhamento económico e financeiro chinês em prol do desenvolvimento do país a par da incorporação de incentivos práticos na estratégia de diplomacia cultural da China, uma abordagem distinta que contrasta com as práticas de *soft power* de outros blocos, como a União Europeia ou os EUA. Nos ICs, os jovens etíopes podem aliar a exploração da cultura chinesa a oportunidades profissionais. Para estes, uma boa diplomacia cultural atua como catalisador para a cooperação económica e política. Neste ponto, não se pode deixar de destacar que, ainda que os ICs sejam o expoente máximo do *soft power* cultural chinês, Pequim tem refinado outras vias para exercer este tipo de poder que não foram exploradas nesta dissertação, nomeadamente a criação de *Chinese Cultural Centers* em várias capitais, incluindo Adis Abeba.

É reconhecido que a China tem sido o motor de mudança mais significativo na paisagem socioeconómica da Etiópia, criando empregos, partilhando conhecimento e alimentando as ambições económicas da nação africana. Também ao nível político, as elites etíopes parecem sentir-se atraídas pelo modelo chinês e têm sido inúmeras as declarações de afinidade entre os dois executivos. A capital política de África encara a parceria com a China como um caminho privilegiado para o desenvolvimento não só da Etiópia, como de todo o continente. E, entre a adesão da União Africana ao G20 e as ardentes reivindicações por uma representação africana no Conselho de Segurança das Nações Unidas, a voz de África parece estar a mudar de tom. Com a entrada da Etiópia nos BRICS em 2024, inaugura-se também um capítulo que pode ser promissor para as duas partes e onde o ensaio do *soft power* chinês em Adis Abeba desempenhará um papel decisivo à mesa de negociações. Será intrigante e fundamental explorar a evolução da relação bilateral, que não só profetiza reajustar as dinâmicas da balança de poder global, como representa um teste sem precedentes na cronografia chinesa e à capacidade de afirmação dos interesses de Pequim no palco internacional.

Atualmente, numa “aldeia global” onde investimentos, mas sobretudo ideias e culturas fluem livremente através de fronteiras, a vitalidade da relação entre a China e a Etiópia reflete uma tendência irreversível da contemporaneidade, trazendo esperança ao futuro da cooperação internacional para o desenvolvimento humano.

“If any annals carry with them the stamp of certainty, they are those of China, which have united, as has been already said, the history of heaven with that of earth.”

- Voltaire

BIBLIOGRAFIA

- Adams, T. (2007, 19 de agosto). “Behold the mighty Qin”. *The Guardian*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/artanddesign/2007/aug/19/art.china>
- Aday, S., et al. (2019). “Hybrid threats: A strategic communications perspective”. NATO Strategic Communications Centre of Excellence. Disponível em: https://stratcomcoe.org/pdfjs/?file=/publications/download/2nd_book_short_digi_pdf.pdf?zoom=page-fit
- Adem, S. (2012). “China in Ethiopia: Diplomacy and economics of Sino-optimism”. *African Studies Review*, 55(1), 143-160.
- Adem, S. (2016). Sino-optimism in Africa. *African Studies Quarterly*, 16(3 & 4), 7-16.
- African Development Bank Group. (2024). *Ethiopia economic outlook*. Disponível em: <https://www.afdb.org/en/countries/east-africa/ethiopia/ethiopia-economic-outlook>
- Ahmed, A. (2019a). *Belt and Road Forum opening speech*. Disponível em: https://www.pmo.gov.et/media/documents/Belt_and_Road_Forum_Opening_Speech.pdf
- Ahmed, A. (2019b). *Belt and Road Forum leaders roundtable speech*. Disponível em: https://www.pmo.gov.et/media/documents/Belt_and_Road_Forum_Leaders_Roundtable_Speech.pdf
- Bandurski, D. (2009, 19 de janeiro). “Li Changchun on the media and China's global influence”, *China Media Project*. Disponível em: <https://chinamediaproject.org/2009/01/19/li-changchun-on-the-media-and-chinas-global-influence/>
- Bayu, B. T. (2022). “Ideological differences in the Sino-Ethiopian relations from the early 1950s to the late 1960s”. *Open Journal of Political Science*, 12(2), 125-143.
- BBC. (2012, 28 de janeiro). “African Union opens Chinese-funded HQ in Ethiopia”, *BBC News*. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-africa-16770932>
- Beijing Foreign Studies University. (2024, 2 de janeiro). “Yang Dan, reitor da BFSU, lidera uma delegação em visita oficial à Etiópia, Madagáscar e Tanzânia”. Disponível em: <https://global.bfsu.edu.cn/pt/info/1002/1234.htm#>
- Bharti, M. S. (2023). “The sustainable development and economic impact of China’s Belt and Road Initiative in Ethiopia”. *East Asia*, 40(2), 175-194.
- Blablová, V. (2022, 29 de setembro). “Assessing China’s vaccine diplomacy”. *CHOICE*. Disponível em: <https://chinaobservers.eu/assessing-chinas-vaccine-diplomacy/>
- Boston University Global Development Policy Center. (2022). *Chinese loans to Africa database*. Disponível em: <https://www.bu.edu/gdp/chinese-loans-to-africa-database/>

Boston University Global Development Policy Center. (2023). *Banco de dados de financiamento para o desenvolvimento no exterior da China*. Disponível em: <https://www.bu.edu/gdp/chinas-overseas-development-finance/>

Brand Finance. (2024, 29 de fevereiro). *Brand Finance's global soft power index 2024: USA and UK ranked top nation brands; China takes third place, overtaking Japan and Germany*. Disponível em: <https://brandfinance.com/press-releases/brand-finances-global-soft-power-index-2024-usa-and-uk-ranked-top-nation-brands-china-takes-third-place-overtaking-japan-and-germany>

Bräutigam, D. (2011). *The dragon's gift: The real story of China in Africa*. Oxford University Press.

Cabestan, J. P. (2012). “China and Ethiopia: Authoritarian affinities and economic cooperation”. *China Perspectives*, 2012(2012/4), 53-62. Disponível em: <https://journals.openedition.org/chinaperspectives/6041#text>

Cabestan, J. P. (2023). “The Belt and Road Initiative and China’s Hegemony in Africa”. *Orbis*, 67(4), 544-564.

Chellaney, B. (2017). “China’s debt-trap diplomacy”. *Project syndicate*, 23, 2017. Disponível em: <https://www.project-syndicate.org/commentary/china-one-belt-one-road-loans-debt-by-brahma-chellaney-2017-01>

China Daily. (2021, 22 de junho). “‘China helped us when help was most needed’ — The Tanzania-Zambia Railway: A testament to China-Africa friendship”. Disponível em: <https://www.chinadaily.com.cn/a/202106/22/WS60d198f4a31024ad0bacab4e.html>

Chipaike, R., Nunoo, I., & Chingono, N. (2023). “Chinese covid diplomacy in Africa: Interrogating Zimbabwe’s experience”. *Cogent Social Sciences*, 9(2), 2275442.

Cloke, F. (2020). “Soft power diplomacy on the African continent: The rise of China”. *Journal of Social and Political Sciences*, 3(1), 268-276.

CGTN. (2023, 19 de dezembro). “Exclusive with former Ethiopian President Mulatu Teshome” [Vídeo]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PwfgzQ6jLuU>

Confucius. (1999). *The analects of Confucius: a philosophical translation*. New York: Ballantine Books,

Cui, Z. (2003). “China's export tax rebate policy”. *China: An International Journal*, 1(2), 339-349.

Dareini, A. A. (2002). “Iran's answer to Barbie”. *CBS News*. Disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/irans-answer-to-barbie/>

Deng, X. (1994). *Selected works of Deng Xiaoping (1982-1992), Vol. III*. Foreign Languages Press.

Dikötter, F. (2022). *China after Mao: The rise of a superpower*. Bloomsbury Publishing.

Dynamic, B. (2018). *Chapter 7 – China's power in Africa: Rhetoric and reality*. Australian Centre on China in the World. Disponível em: <https://www.thechinastory.org/yearbooks/yearbook-2018-power/chapter-7-chinas-power-in-africa-rhetoric-and-reality/>

Ehizuelen, M. M. O., & Abdi, H. O. (2018). "Sustaining China-Africa relations: Slotting Africa into China's one belt, one road initiative makes economic sense". *Asian Journal of Comparative Politics*, 3(4), 285-310.

Fei, D. (2020). "Variegated work regimes of Chinese investment in Ethiopia." *World Development*, 135, 105049.

Forum on China-Africa Cooperation. (2006). *Beijing Action Plan (2007-2009)*. Disponível em: http://www.focac.org/eng/zywx_1/zywj/200611/t20061116_7933564.htm

Forum on China-Africa Cooperation. (2009). *Addis Ababa Action Plan (2004-2006)*. Disponível em: http://www.focac.org/eng/zywx_1/zywj/200909/t20090925_7933568.htm

Forum on China-Africa Cooperation. (2009). *Forum on China-Africa Cooperation Sharm El Sheikh Action Plan (2010-2012)*. Disponível em: http://www.focac.org/eng/zywx_1/zywj/200911/t20091112_7933571.htm

Gianecchini, P., & Taylor, I. (2017). "The eastern industrial zone in Ethiopia: Catalyst for development?", *St Andrews Research Repository*.

Gorvett, J. (2021, 31 de julho). "China in the middle of Nile mega-dam feud". *Asia Times*. Disponível em: <https://asiatimes.com/2021/07/china-in-the-middle-of-nile-mega-dam-feud/>

Green, M. A. (2023, 28 de março). "For 30 years every Chinese foreign minister visits Africa first". *Wilson Center*. Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org/blog-post/30-years-every-chinese-foreign-minister-visits-africa-first>

Guanzhong, L. (1995). *The Romance of the Three Kingdoms* (M. Roberts, Trad.). Foreign Languages Press.

Harris, L. C. (1977). "China's relations with the PLO". *Journal of Palestine Studies*, 7(1), 123-154.

Hartig, F. (2012). "Confucius Institutes and the rise of China". *Journal of Chinese Political Science*, 17, 53-76.

Hassen, D. (2023). "China's Soft Power in Africa: A Qualitative Content Analysis on China's Strategic Narrative Projection in Ethiopia and South Africa".

Hobsbawm, E. J. (1996). *Age of extremes: The short twentieth century, 1914-1991*. Editorial Presença.

Huang, Z. A. (2021). "The Confucius Institute and relationship management: uncertainty management of Chinese public diplomacy in Africa". *Public Diplomacy and the Politics of Uncertainty*, 197-223.

Hui, W. (2023). *The rise of modern Chinese thought*. Harvard University Press.

Hu, J. (2007). "Hold high the great banner of socialism with Chinese characteristics and strive for new victories in building a moderately prosperous society in all: Report to the 17th Party Congress". Disponível em: <http://www.china.org.cn/english/congress/229611.htm#7>

Hu, J. (2009). "Address by Hu Jintao, President of the People's Republic of China, at the Opening Ceremony of the Beijing Summit of the Forum on China-Africa Cooperation". Disponível em: http://www.focac.org/eng/zywx_1/zyjh/200909/t20090925_7933591.htm

Huntington, S. P. (2004). *The clash of civilizations and the remaking of world order*. Braille Jymico Incorporated.

Industrial Parks Development Corporation. (n.d.). *About us: The Industrial Parks Development Corporation*. Disponível em: <https://www.ipdc.gov.et/about/>

Jacques, M. (2009). *When China Rules the World The Rise of the Middle Kingdom and the End of the Western World*. Penguin Books

Keimetswe, L. A. (2021). "The role of Confucius Institute in shaping China's national image in Botswana: Case of CI students". *Social Change Review*, 19(Winter), 120-144.

Kissinger, H. (2012). *On China*. Penguin Press.

Kurlantzick, J. (2007). *Charm offensive: How China's soft power is transforming the world*. Yale University Press.

Lahtinen, A. (2018). *China's diplomacy and economic activities in Africa: Relations on the move*. Palgrave Macmillan.

Lee, C. K. (2022). "Global China at 20: Why, how and so what?". *The China Quarterly*, 250, 313-331.

Lee, S. T. (2023). "Vaccine diplomacy: nation branding and China's COVID-19 soft power play". *Place Branding and Public Diplomacy*, 19(1), 64.

Li, S. (2021). "China's Confucius Institute in Africa: a different story?". *International Journal of Comparative Education and Development*, 23(4), 353-366.

Lobo-Fernandes, L. (2005). "Soft power: O jogo de atração cultural e as vantagens da cooperação". *Relações Internacionais*, 6, 169-172.

Lodén, T. (2021). "Rediscovering Confucianism: A major philosophy of life in East Asia". In *Rediscovering Confucianism*. Brill.

Lynch, E. A. (2023). "China's Belt and Road Initiative in East Africa", *Military Review*.

MacDonald, A. (2018). "Soft power superpowers: Global trends in cultural engagement and influence", *British Council*. Disponível em: https://www.britishcouncil.org/sites/default/files/j119_thought_leadership_global_trends_in_soft_power_web.pdf

Malraux, A. (1968). *Anti-Memoirs* (T. Kilmartin, Trad.). Holt, Rinehart and Winston; Hamish Hamilton.

Mao, Z. (1964). *The little red book*. People's Liberation Army General Political Department.

Mao, Z. (1977). *Selected works of Mao Tse-tung* (Vol. 5). Franklin Book Company.

Mawdsley, E. (2008). "Fu Manchu versus Dr Livingstone in the dark continent? Representing China, Africa and the West in British broadsheet newspapers". *Political Geography*, 27(5), 509-529.

McGuinness, P. (2023, 22 de agosto). "'Back in the USSR': The story behind The Beatles' song. *uDiscoverMusic*". Disponível em: <https://www.udiscovermusic.com/stories/back-in-the-ussr-story-behind-song/>

Mearsheimer, J. J. (2001). *The tragedy of great power politics*. W. W. Norton & Company.

Mekelle University. (n.d.). *College of Social Sciences and Languages Undergraduate*. Disponível em: <https://www.mu.edu.et/index.php/undergraduate-programs/college-of-social-sciences-and-languages-undergraduate>

Murphy, D. C. (2022, 19 de agosto). "China's rise in the Global South: The Middle East, Africa, and Beijing's alternative world order". *National Committee on U.S.-China Relations*. [Entrevista em vídeo com Lina Benabdallah] Disponível em: <https://www.ncuscr.org/video/chinas-rise-global-south/>

National Security Archive. (1997, 18 de janeiro). "Interview with Milos Forman". George Washington University. Disponível em: <https://nsarchive2.gwu.edu/coldwar/interviews/episode-14/forman4.html>

New Business. (2022, 4 de outubro). "Eastern industrial park creates 22,110 jobs for Ethiopians". Disponível em: <https://newbusinessethiopia.com/investment/eastern-industrial-park-creates-22110-jobs-for-ethiopians/>

Ni, C.-C. (2010, 4 de abril). "Confucius school finds success in U.S. classrooms". *Los Angeles Times*. Disponível em: <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2010-apr-04-la-me-confucius-school4-2010apr04-story.html>

Nye, J. S. (2004). *Soft power: The means to success in world politics*. Public Affairs.

Nye, J. S. (2012). "China and soft power". *South African Journal of International Affairs*, 19(2), 151-155.

Nye, J. S. (2018, 24 de janeiro). "How sharp power threatens *soft power*: The right and wrong ways to respond to authoritarian influence". *Foreign Affairs*. Disponível em: http://en.iiss.pku.edu.cn/_local/5/C5/6A/E87FB4BFBD60F6FD5F53AC65330_5E50B2EB_1A145.pdf

Nye, J. S. (2023). *Soft Power and Great-Power Competition Shifting Sands in the Balance of Power Between the United States and China*. Springer Nature.

Nye, J. S. (2010, 5 de outubro). "The pros and cons of citizen diplomacy". *The New York Times*. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2010/10/05/opinion/05iht-ednye.html>

Olewe, D. (2021, 2 de maio). "Why African countries support China on human rights". *BBC News*. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-africa-56717986>

Perrigo, B. (2017, 22 de dezembro). "Cold War jazz ambassadors". *TIME*. Disponível em: <https://time.com/5056351/cold-war-jazz-ambassadors/>

Pew Research Center. (2015). "Global publics back U.S. on fighting ISIS, but are critical of post-9/11 torture". Disponível em: <https://www.pewresearch.org/wp-content/uploads/sites/2/2015/06/Balance-of-Power-Report-FINAL-June-23-2015.pdf>

Pilling, D., & Schipani, A. (2023, 15 de janeiro). "War in Tigray may have killed 600,000 people, peace mediator says". *Financial Times*. Disponível em: <https://www.ft.com/content/2f385e95-0899-403a-9e3b-ed8c24adf4e7>

Pye, L. W. (1992). "Social science theories in search of Chinese realities". *China Quarterly*, 132, 377-396.

Ramo, J. C. (2004). *The Beijing Consensus*. London: The Foreign Policy Centre.

Rapanyane, M. B. (2020). "An Afrocentric Review of the Key Drivers of China's Africa Policy: Case Study of Ethiopia". *Journal of African Foreign Affairs*, 7(3), 69.

Repnikova, M. (2022a). *Chinese soft power*. Cambridge University Press.

Repnikova, M. (2022b). "Rethinking China's Soft Power: "Pragmatic Enticement" of Confucius Institutes in Ethiopia". *The China Quarterly*, 250, 440-463.

Reuters. (2023, 18 de outubro). *China helps Africa where West failed - state bank*. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/economy/china-helps-africa-where-west-failed-state-bank-idUSPEK361402/>

Rich, T. S., & Banerjee, V. (2015). "Running out of time? The evolution of Taiwan's relations in Africa". *Journal of Current Chinese Affairs*, 44(1), 141-161.

Robinson, N., & Mills, D. (2022). "Will Experiences of Doctoral Study in China influence African Academic Practice?" *International Higher Education*, (111), 19-21.

Roselle, L., Miskimmon, A., & O'loughlin, B. (2014). "Strategic narrative: A new means to understand soft power". *Media, war & conflict*, 7(1), 70-84.

SAIS China-Africa Research Initiative. (2024). "Chinese loans to Africa database". Disponível em: <https://lucid-cari.squarespace.com/chinese-investment-in-africa>

Shambaugh, D. (2015). "China's soft-power push: The search for respect". *Foreign Affairs*, 94(4), 99–107.

Shinn, D. H., & Eisenman, J. (2005). "Dueling priorities for Beijing in the Horn of Africa". *China Brief*, 5(21), 6-9.

Shinn, D. H., & Eisenman, J. (2012). *China and Africa: A century of engagement*. University of Pennsylvania press.

Shinn, D. H. (2019). "China-Africa ties in historical context". *China-Africa and an economic transformation*, 61-83. Routledge.

Snow, P. (1995). "China and Africa: Consensus and camouflage", In T. Robinson & D. Shambaugh (Eds.). *Chinese foreign policy: Theory and practice*, 306-320. Oxford University Press.

Song, R., & Gebrehiwot, M. (2020). "Brothers committed to mutual assistance". In *A bright shared future: Stories along the Belt and Road*. Ministry of Commerce of the People's Republic of China. Disponível em: <https://m.mofcom.gov.cn/article/beltandroad/et/enindex.shtml>

State Council Information Office of the People's Republic of China. (2021). "Full text: China and Africa in the new era: A partnership of equals". Disponível em: http://www.news.cn/english/2021-11/26/c_1310333813.htm

Sun, S.-C. (2023). "The Confucius Institutes: China's cultural soft power strategy". *Journal of Culture and Values in Education*, 6(1), 52-68.

Sun, Y. (2016, 5 de julho). "Political party trainings: China's ideological push in Africa?", *Brookings Institution*.

Tarrósy, I. (2020). "China's Belt and Road Initiative in Africa, debt risk and new dependency: The case of Ethiopia". *African Studies Quarterly*, 19(3-4), 95-28.

Taylor, I. (1998). "China's foreign policy towards Africa in the 1990s". *The Journal of Modern African Studies*, 36(3), 443-460.

Taylor, I. (2009). *China's new role in Africa*. Boulder, CO: Lynne Rienner Publishers.

Taylor, I. (2010). *The Forum on China-Africa Cooperation (FOCAC)*. Routledge.

Tesfaye, A. (2020). *China in Ethiopia: The long-term perspective*. State University of New York Press.

Thussu, D. K. (2014). "De-Americanizing soft power discourse?", *CPD Perspectives on Public Diplomacy*, 2014(2), 5-25.

Tzu, S. (2010). *The art of war*. Capstone Publishing.

UNDP (United Nations Development Programme) (2022). *Ethiopia 2030: A country transformed? Options for a next generation of reforms* (Working Paper Series No. 2). Disponível em: https://www.undp.org/sites/g/files/zskgke326/files/2023-03/UNDP%20Ethiopia_Working%20paper%20series%202.pdf

UNDP (United Nations Development Programme) (2024). *Human development insights*. In 2023/2024 Human development report. Disponível em: <https://hdr.undp.org/data-center/country-insights#/ranks>

UN News. (2018, 3 de setembro). “In Beijing, UN chief urges win-win collaboration between China and Africa for ‘the future we want’”. UN News: Global Perspective Human Stories. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2018/09/1018242>

U.S. Embassy in Ethiopia. (2024). *American spaces in Ethiopia*. Disponível em: <https://et.usembassy.gov/education-culture/american-spaces/>

Vogel, E. F. (2011). *Deng Xiaoping and the transformation of China*. Harvard University Press.

Wang, J. (2011). “Introduction: China’s search of soft power”. In *Soft power in China: Public diplomacy through communication*, 1-18. New York: Palgrave Macmillan US.

World Bank. (2015). *4th Ethiopia Economic Update: Overcoming constraints in the manufacturing sector*. Disponível em: <https://documents.worldbank.org/pt/publication/documents-reports/documentdetail/827261468190142554/fourth-ethiopia-economic-update-overcoming-constraints-in-the-manufacturing-sector>

World Bank. (2024a). *China overview*. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/country/china/overview>

World Bank. (2024b). *Ethiopia overview*. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/country/ethiopia/overview>

World Population Review. (2024a). *Manufacturing by country*. Disponível em: <https://worldpopulationreview.com/country-rankings/manufacturing-by-country>

World Population Review. (2024b). *Countries that recognize Taiwan*. Disponível em: <https://worldpopulationreview.com/country-rankings/countries-that-recognize-taiwan>

Xinhua. (2018, 31 de agosto). “Ethiopia hails ties with China as model of successful South-South cooperation”. Disponível em: https://www.xinhuanet.com/english/2018-08/31/c_137431710.htm

Xinhua. (2021a, August 10). “Confucius Institute injects momentum in blooming Sino-Ethiopian cultural ties”. Disponível em: <https://www.globaltimes.cn/page/202108/1231102.shtml>

Xinhua. (2021b, 12 de agosto). “Chinese-aided project transforms heart of Ethiopia's capital”. Disponível em: http://www.xinhuanet.com/english/2021-08/12/c_1310123458.htm

Xinhua. (2023, 7 de dezembro). “Instituto Confúcio é aclamado por consolidar laços entre China e Etiópia”. Disponível em: <https://portuguese.xinhuanet.com/20231207/cf339fbc52644b7cb5f91020fb088cfc/c.html>

Xinhua. (2024a, 23 de fevereiro). “Roundup: Chinese language training launched to enhance police capacity in Ethiopia”. Disponível em: <https://english.news.cn/africa/20240223/cac6ae87d45145d4bb1d95acc57bcbd7/c.html>

Xinhua. (2024b, 22 de março). “Ethiopian official urges stronger cooperation with China”. Disponível em: <https://english.news.cn/20240322/ba1cd1b9b10b4625b63fc4226c180daa/c.html>

Xinhua. (2024c, 7 de junho). “Competição de língua chinesa é realizada na Etiópia para comemorar intercâmbio cultural”. Disponível em: <https://portuguese.news.cn/20240607/4dd2ac9d1a6647b7a3bd0746de20d69c/c.html>

Xinhua. (2024d, 11 de junho). “Wang Yi meets Ethiopian FM on bilateral relations”. Disponível em: <https://english.news.cn/20240611/827f9f4e1ebf493cb2066245c1ff2c0c/c.html>

Xinhua. (2024e, 21 de abril). “Feature: 69 years on, the Bandung Spirit remains alive in the Global South.” Disponível em: <https://english.news.cn/20240421/4d37d19bb667442d92ba444cb406563e/c.html>

Xi, J. (2017, 18 de outubro). “Keynote speech at the opening ceremony of the Belt and Road Forum for International Cooperation, Beijing, China”. Disponível em: <https://english.news.cn/20231018/7bfc16ac51d443c6a7a00ce25c972104/c.html>

Xi, J. (2018, 3 de setembro). “Full text of Chinese President Xi Jinping's speech at opening ceremony of 2018 FOCAC Beijing Summit”. Disponível em: http://www.xinhuanet.com/english/2018-09/03/c_129946189.htm

Xi, J. (2019, 26 de abril). “Keynote Speech Opening The Second Belt And Road Forum”. Disponível em: <https://china.usc.edu/xi-jinping-keynote-speech-opening-second-belt-and-road-forum-april-26-2019>

Xi, J. (2021, 2 de dezembro). “Full text: Keynote speech by Chinese President Xi Jinping at opening ceremony of the 8th FOCAC ministerial conference”. Disponível em: http://www.focac.org/eng/ttxsy/202112/t20211202_10461079.htm

Xi, J. (2023, 13 de março). “Full text of Xi Jinping's speech at first session of 14th NPC”. Disponível em: http://english.scio.gov.cn/m/topnews/2023-03/15/content_85168965.htm

Xi, J. (2024, 5 de setembro). “Full text: Xi Jinping's speech at opening ceremony of 2024 FOCAC summit”. Disponível em: <https://news.cgtn.com/news/2024-09-05/Full-text-Xi-s-speech-at-opening-ceremony-of-2024-FOCAC-summit-1wDYKL8FhxC/p.html>

Yalew, M. T., & Changgang, G. (2020). "China's 'Belt and Road Initiative': Implication for Land Locked Ethiopia." *Insight on Africa*, 12(2), 175-193.

Zeng, D. Z. (Ed.). (2010). *Building engines for growth and competitiveness in China: Experience with special economic zones and industrial clusters*. World Bank Publications.

Ze Yu, S. (2022). "What is FOCAC? Three historic stages in the China-Africa relationship". *Africa at LSE*. Disponível em: https://eprints.lse.ac.uk/113941/1/africaatlse_2022_02_03_what_is_focac_three_stages_the_new_china.pdf

Zhao, Y. (2013). "China's quest for "soft power": Imperatives, impediments and irreconcilable tensions?". *Javnost-The Public*, 20(4), 17-29.

Zheng, Y., & Xia, Y. (2015). "A fresh start for China-Africa relations". (Vol. 7) *Chinafrica*.